



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**CONHECIMENTO ANCESTRAIS DOS MAGÜTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19
ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS**

NEKINHA MOÇAMBITE COELHO

Foz do Iguaçu
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

**CONHECIMENTO ANCESTRAIS DOS MAGÛTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19
ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS**

NEKINHA MOÇAMBITE COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron

Co-orientador Prof. Dr. Clovis Antonio Brighenti

Foz do Iguaçu
2023

NEKINHA MOÇAMBITE COELHO

CONHECIMENTO ANCESTRAIS DOS MAGÜTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19 ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron
UNILA

Prof. Dr. Clovis Antônio Brighenti
UNILA

Prof. Prof. Dr. Antonio de la Peña

Foz do Iguaçu, 26 de outubro de 2023.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Nekinha Moçambique Coelho

Curso: Antropologia Diversidade Cultural Latino-Americana

Tipo de Documento	
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – Obras audiovisuais

Título do trabalho acadêmico: CONHECIMENTO ANCESTRAIS DOS MAGÛTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19 ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron

Data da Defesa: 26/ 10/2023

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 26 de outubro de 2023.

Nekinha M. Coelho

Assinatura do Responsável

DEDICATÓRIO

Dedico este trabalho aos meus pais, que me sustentaram e guiaram durante minha infância, expresseo minha profunda gratidão. Suas orientações e apoio inabalável moldaram meu caminho até a conquista desta graduação e permanecem como fontes inestimáveis de inspiração. E a todos aqueles cujas contribuições e apoio foram essenciais na minha jornada acadêmica. Este trabalho também é dedicado aos meus irmãos e irmão do povo indígena Magüta, cuja notável luta e determinação na busca pela educação superior me incentivaram constantemente. Sua resiliência e dedicação são um testemunho da importância da educação e da superação de desafios culturais e sociais. Que esta dedicação seja um reconhecimento humilde e uma expressão sincera de minha gratidão a todos aqueles que contribuíram para o meu percurso acadêmico e pessoal...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me agraciar com inúmera oportunidade de ingressar na Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA), e por ter me concedido a força e a coragem necessárias para trilhar esse caminho tão complexo. Minha mãe, Dalgiza Coelho, merece um agradecimento imenso pela orientação constante para seguir em frente, mesmo estando distante, e por seu apoio inabalável, bem como pelas suas orações. Ao meu pai Ernesto Pedro Coelho, sou profundamente grato por ter me ensinado a sonhar e a acreditar em mim desde o início desta jornada acadêmica.

Também quero estender meus agradecimentos a toda a minha família, irmão, irmãs, amigos(as) que me incentivaram e apoiaram, durante em cada semestres acadêmico, me fornecendo um porto seguro em meio às adversidades. Em memória dos meus avós, expresso minha gratidão pelo amor que sempre me ofereceram. Agradeço o meu amigo e companheiro Cristian Douglas, merece uma menção especial pelo seu apoio, paciência e convivência que tornaram os dias mais leves e felizes.

Ao meu orientador Professor Dr. Rodrigo Juan Villagra C., não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, que não apenas foi um professor, mas também compreendeu minhas dificuldades, apesar de ele ter vários trabalhos para fazer, mas sempre me deu o seu apoio para ir até o final deste trabalho, me brindou com aprendizagem e força para não desistir na metade da minha meta acadêmica.

Ao Professor Dr. Clovis Antônio B., que me auxiliou desde o primeiro dia de desafios com a escrita, expresso minha sincera gratidão. À Professora Simone Ribeiro, que demonstrou preocupação pelo meu progresso, e à Patrícia Queiros, que sempre esteve presente para dar aquele empurrãozinho, meu agradecimento especial. Além disso, não posso deixar de expressar minha sincera gratidão ao Prof. Dr. Antonio de la Peña, que, generosamente, compartilhou seus conhecimentos, fornecendo-me uma base sólida para abordar o tema deste trabalho. Sua orientação e expertise foram inestimáveis na minha jornada acadêmica, e sou profundamente grato por seu apoio.

Meu amigo Pedro Louvain, que me apoiou constantemente, na minha primeira chegada em foz do Iguçu-Praná, merece uma menção de apreço. Agradeço também aos professores à banca examinadora por sua disponibilidade. Por fim, agradeço a todos aqueles que mencionei acima, que me tornaram possível a realização deste trabalho, pois foi o convívio com vocês que contribuiu para o meu êxito acadêmico. Que esse trabalho e o meu agradecimento reflitam a profundidade da minha gratidão.

O sofrimento humano transcende o físico e abraça o espiritual, emocional e social. A fé, muitas vezes, é a âncora diante do desespero, quando tratamentos e clínicas renomadas não oferecem cura. É a fé em Deus que ilumina o caminho quando a esperança parece perdida.

Sonia Weidner Maluf, Érica Quinaglia Silva, Marcos Aurélio da
Silva

RESUMO

Os Magüta, segundo sua autodenominação, é um povo indígena da região Amazônica, conhecido também por Ticuna, abarcando territórios brasileiro, peruano e colombiano. Nosso objetivo é analisar como parte desse povo que vive em território brasileiro, tem utilizado seu conhecimento ancestral no enfrentamento da Covid-19, recorrendo às plantas medicinais. O uso de plantas no tratamento de saúde é recorrente nesse povo, essa tradição despertou interesse científico, levando à investigação das propriedades terapêuticas das plantas utilizadas pelos Magüta. Durante a pandemia, o povo Magüta têm utilizado plantas medicinais com propriedades antimicrobianas e imunomoduladoras para fortalecer o sistema imunológico e aliviar os sintomas compostos bioativos com potencial anti-inflamatório, o que pode ser relevante no combate à Covid -19. É importante salientar que o uso dessas plantas medicinais não substitui as medidas preventivas recomendadas pelas autoridades de saúde. No entanto, o conhecimento tradicional dos Magüta pode complementar as estratégias convencionais de tratamento e prevenção. Para explicar esse conhecimento tradicional, fornecemos uma explicação extensiva das formas de organização social, xamanismo, mitologia e cosmologia do Povo Magüta. A valorização e o respeito aos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas são fundamentais não apenas para o enfrentamento da Covid-19, mas também para a descoberta de novos recursos terapêuticos e o fortalecimento da saúde e do bem-estar da população.

Palavras-chave: Magüta; Conhecimentos Ancestrais; Plantas Medicinais; prevenção e controle; Covid-19.

RESUMEN

Los Magüta, según su autodenominación, son un pueblo indígena de la región amazónica, también conocido como Ticuna, que abarca territorios en Brasil, Perú y Colombia. Nuestro objetivo es analizar cómo una parte de este pueblo que vive en territorio brasileño ha utilizado su conocimiento ancestral en la lucha contra la Covid-19, recurriendo a las plantas medicinales. El uso de plantas en el tratamiento de la salud es común en este pueblo, y esta tradición ha despertado el interés científico, llevando a la investigación de las propiedades terapéuticas de las plantas utilizadas por los Magüta. Durante la pandemia, el pueblo Magüta ha utilizado plantas medicinales con propiedades antimicrobianas e inmunomoduladoras para fortalecer el sistema inmunológico y aliviar los síntomas, compuestos bioactivos con potencial antiinflamatorio, lo que podría ser relevante en la lucha contra la Covid-19. Es importante destacar que el uso de estas plantas medicinales no reemplaza las medidas preventivas recomendadas por las autoridades de salud. Sin embargo, el conocimiento tradicional de los Magüta puede complementar las estrategias convencionales de tratamiento y prevención. Para explicar este conocimiento tradicional, proporcionamos una explicación exhaustiva de las formas de organización social, el chamanismo, la mitología y la cosmología del pueblo Magüta. La valorización y el respeto hacia los conocimientos tradicionales de los pueblos indígenas son fundamentales no solo para hacer frente a la Covid-19, sino también para descubrir nuevos recursos terapéuticos y fortalecer la salud y el bienestar de la población.

Palabras-clave: Magüta; Conocimientos Ancestrales; Plantas medicinales; prevención y control, Covid-19.

ABSTRACT

The Magüta, according to their self-designation, are an indígena people from the Amazon region, also known as the Ticuna, spanning territories in Brazil, Peru, and Colombia. Our objective is to analyze how a portion of this people living in Brazilian territory has utilized their ancestral knowledge in combating Covid-19, resorting to medicinal plants. The use of plants in healthcare is common in this community, and this tradition has sparked scientific interest, leading to the investigation of the therapeutic properties of the plants used by the Magüta. During the pandemic, the Magüta people have been using medicinal plants with antimicrobial and immunomodulatory properties to strengthen the immune system and alleviate symptoms, which consist of bioactive compounds with potential anti-inflammatory effects, which may be relevant in the fight against Covid-19. It is important to note that the use of these medicinal plants does not replace the preventive measures recommended by health authorities. Nevertheless, the traditional knowledge of the Magüta can complement conventional treatment and prevention strategies. To explain this traditional knowledge, we provide an extensive explanation of their social organization, shamanism, mythology, and cosmology. Valuing and respecting the traditional knowledge of indigenous peoples is crucial not only for addressing Covid-19 but also for discovering new therapeutic resources and strengthening the health and well-being of the population.

Key words: Magüta; Ancestral Knowledge; Medicinal Plants; prevention and control; Covid-19.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Territórios Dos Povo Magüta (Seis Municípios da região do Alto Solimões e o capital do Amazona)	29
Figura 2 – Uma ilustração de Yo’i e Ipi pescando seu povo “Magüta” no rio.....	34
Figura 3 – Classificação dos clãs.....	38
Figura 4 – figura mostrando a ponte da comunidade indígena de Filadélfia, pertence aos municípios de Benjamin Constant, no Estado de Amazonas, Brasil.....	48
Figura 5 – os pontos marcados com amarelo é a ponte e o centro da comunidade indígena de Filadélfia e Benjamin Constant, no rio Solimões, Estado de Amazonas, Brasil.....	49
Figura 6 – Terra Indígena Magüta de Santo Antônio	49
Figura 7 – Esta imagem representa um registro da cerimônia de cura realizado por xamã magüta, acompanhado pelo espírito da árvore Açucu-Uatchiwa, enquanto trata de paciente enferma.....	52

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Na cerimônia de casamento dos Magüta, a união requer a pertinência a clãs diferentes, como evidenciado pela imagem, com a mulher do Clã Buriti, sem pena, e o marido do Clã de Arara, com penas.....	38
Fotografia 2 – As Moças e uma criança finalizando sua festa, Aldeia Bom Caminho-AM (ritual).....	42
Fotografia 3 – Moça nova (Worecü) é levado pelo rio, Aldeia Bom Caminho-AM (ritual).....	43
Fotografia 4 – O Yuücü e a moça nova no rio Alto Solimões- AM, O feiticeiro (Yuücü) apresentando nestas duas imagens abaixo; fazendo seu trabalho de proteção.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da população Ticuna no DSEI Alto Solimões, por polo base e número de aldeias.....	30
Tabela 2 — Remédio tradicionais do Magüta do Alto Solimões, utilizado durante à Covid-19.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNUDH	Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas
DSEI	Distrito Sanitários Especiais Indígenas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISA	Instituto Socioambiental
PNASPI	Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas
PSIN	Processo Seletivo Indígena
SASI	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
USB	Unidade Básica de Saúde
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Considerações teóricas do trabalho.....	17
1.2 Questões Teóricas Preliminares.....	23
1.3 Considerações metodológicas.....	26
2 CAPÍTULO I.....	28
2.1 Contextualização do povo Magüta.....	28
3 CAPÍTULO II.....	48
3.1 A CHEGADA DA COVID-19, SUAS IMPLICAÇÕES E A RESPOSTA DA COMUNIDADE.....	48
4 CAPÍTULO III.....	54
4.1 USO DE PLANTAS MEDICINAIS	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1 INTRODUÇÃO

Quero aqui me apresentar e compartilhar um pouco da minha trajetória. Eu pertencço ao povo Magüta, mais conhecido como Ticuna.¹ Nasci em uma ilha na comunidade de Bom Intento I, meus pais atualmente residem na terra firme, na comunidade Indígena de Filadélfia (Ūtchigüne), que faz parte do município de Benjamin Constant, localizado no Amazonas na região do Alto Solimões, no tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, desse local me inspirei para realizar minha pesquisa, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Minha infância e adolescência transcorreram inteiramente na Amazônia.

Nascida em 03 de julho de 1991. Meu nome em língua Ticuna é Metchacuna, integrante do clã Avai, classificação sem penas (nhetchiû). Sou a sexta filha de Ernesto Pedro Coelho e Dalgiza Coelho M. clãs de Avai e Japó, respectivamente, classificados como sem penas (nhetchiû) e com penas (ächii), tenho 7 irmãs e um irmão.

Como a primeira entre sete mulheres da família, ingressar na faculdade foi uma conquista notável pela comunidade, sendo como filha de agricultor rompendo fronteiras e desafiando expectativas. Com tanta dificuldade de um bom acesso de internet, mesmo assim conseguir a participar do processo seletivo indígena (PSIN) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), no ano do 2019. Conseguir uma vaga para ingressar no curso de antropologia bacharelado, fui conhecida como uma das primeira discente indígenas Magüta a estudar na UNILA.

De viajar tão distante para graduar em curso de antropologia, apesar de tem esse curso nas, mas próximas universidades da comunidade, e mesmo assim viajei para fazer no sul do Paraná, o problema é falta de oportunidades ou a meu destino é para fazer na UNILA, eu sempre tentei o processo seletivo de cada instituições, mas nunca teve oportunidades de passar no processo, um dia teve oportunidades, mas a vaga era pouco, e quando a UNILA me chamou eu aproveitei essa oportunidades.

Depois com um tempo de estudar na UNILA a minha jornada acadêmica inspirou outros jovens da minha comunidade e de outras comunidades indígenas a seguir o mesmo caminho. Em 2020, meu irmão Gilmar M. Coelho iniciou Arquitetura e Urbanismo, depois em seguida a minha irmã Enilda M. Coelho que

¹ Ao usar o termo "Magüta" é para honrar a tradição e o significado que ele carrega, destacando a conexão especial com a história e os heróis da etnia e da sua identidade, a riqueza a cultura dos povos. O termo "Magüta" transcende a mera nomenclatura. De fato, "Magüta" traduz-se como "o povo pescado por Yo'i". Compartilhando essa perspectiva única para enriquecer nosso entendimento coletivo, de que nome Magüta vem do próprio povo, e não de fora como o nome "Ticuna" por exemplo: segundo Justamand, (2017) "Há muito tempo, esse povo foi chamado de Tukuna pelo fato de, na época do contato, apresentarem-se com pintura de jenipapo no alto do nariz. Tukuna, em tupi, significa nariz preto. Com o passar do tempo e devido à grande mudança nas variantes linguísticas causada pelo contato, a palavra Tukuna sofreu alterações e configurou-se na atual Ticuna, em decorrência do uso por muitas pessoas de diferentes locais". Por essa razão escrevi este texto, e assim foi incentivada pelo meu orientador e coorientado, com o nome Magüta porque um nome que chama muito atenção, esse de vem do nosso próprio povo. Poderia grafar como o nome "Ticuna", mas como se encontra sua origem na língua Tupi, uma língua indígena amplamente utilizada no Brasil durante o século XVII, no período colonial. Em algumas versões esse termo Ticuna vai se encontrando com "C" e com "k", como na versão do (Nimuendaju, Oliveira Filho, Cardoso de Oliveira) se encontra com "K". Essa interpretação muitas vez tem a ver com o lugar a onde um pesquisador faz pesquisa, (Paladino, 2006).

ingressou no ano de 2021, e está estudando Engenharia Civil Infraestrutura na mesma instituição, e meu sobrinho Narizel Coelho P. aprovado por ENEM e SISU, começou Engenharia de Energia em 2021, mas precisou interromper o curso devido a problemas de saúde, sendo cuidado com remédios caseiros pela minha mãe. Hoje os discentes Magüta tem chegado no total de 114 aluno ativos ingressantes PSIN 2019-2023.

Minha formação inicial do da 1^a a 4^a séries do ensino fundamental ocorreu na Escola Municipal Indígena Santos Dumont em escola pública na Ilha de Bom Intento I, e o meu 5^o ao 9^o ano ocorreu na Escola Municipal Indígena Ebenezer na escola pública na comunidade indígena de Filadélfia. O 1^o, 2^o e a 3^o ano do ensino médio ocorreu na Escola Estadual Indígena Professor Gildo Sampaio, Megatanücü, clã de avai, em Filadélfia. Após uns 5 meses de pausa, dediquei-me a uma formação teológica de 2 anos na cidade de Iquitos Peru, na instituição de ensino Centro de Entrenamento Ministerial e Musical NISI.²

Depois de dedicação teológicas e práticas parei um ano e meio, sem estudar, quase quando chegar nos 2 anos sem estudar resolvi retomei meus estudos com um curso de Técnico de Enfermagem em Benjamin Constant na instituição Guarany, esse curso durou 2 anos. Em seguida, surgiu a oportunidade de cursar Antropologia na UNILA, uma escolha inicialmente inesperada, mas valiosa dada. Apesar de não ser o meu sonho inicial, queria ser médica ou odontóloga, a Antropologia tornou-se uma ferramenta para valorizar e preservar a rica cultura do meu povo Magüta.

Em resumo, minha trajetória é uma narrativa de superação, compromisso comunitário e valorização das raízes culturais. A pesquisa sobre plantas medicinais é um tributo à sabedoria ancestral, incorporando práticas tradicionais no enfrentamento dos desafios no tempo passado e na atualidade.

Como graduanda de curso de Antropologia, ao chegar ao final deste semestre, me sinto mais inspirada e motivada a fortalecer o que já existia há muito tempo: os conhecimentos próprios, tradicionais ou ancestrais; essa se efere-se aos conhecimentos e práticas que são transmitidos de geração em geração em uma comunidade, muitas vezes ao longo de séculos. Esses conhecimentos são baseados nas tradições culturais e na experiência acumulada ao longo do tempo e são frequentemente passados oralmente de uma geração para outra.

Eles podem abranger uma ampla variedade de campos, como medicina tradicional, métodos agrícolas, técnicas de construção, mitologia, rituais religiosos, entre outros. Essa discussão sobre esse termo provavelmente se concentra na importância desses conhecimentos tradicionais ou ancestrais na vida e na cultura da comunidade indígena Magüta, especialmente em relação à sua saúde e ao tratamento de doenças. É uma maneira de reconhecer a sabedoria acumulada ao longo de gerações e como ela exerce uma função essencial nas práticas de cuidados de saúde e bem-estar da comunidade. Existe uma discussão mais ampla sobre a noção de conhecimento tradicional indígena e suas distintas denominações e características, que vamos a mencionar mais adiante deste trabalho.

² O nome de instituição “NISI” significa biblicamente: O Senhor é A Minha Bandeira. Êx.17:15

As plantas medicinais, os saberes e a cultura — toda as riquezas que os Magüta possuem e que, lamentavelmente, estão quase esquecidos e não são reconhecidos pelas instituições ou cientificamente pelos não indígenas nas universidades. A pandemia da Covid-19 impactou a comunidade indígena. Embora tenha representado um grande desafio, também trouxe consigo uma oportunidade de renovação³ da valorização ao conhecimento tradicional.

A pandemia da Covid-19 tem impactado significativamente a saúde global, exigindo esforços para conter a propagação do vírus e encontrar formas de tratamento. Nesse contexto, tem havido um interesse crescente em explorar conhecimentos tradicionais e ancestrais, como o uso de plantas medicinais, como uma abordagem complementar no enfrentamento da doença. O objetivo da Pesquisa: Investigar o uso de práticas medicinais tradicionais e seu papel no contexto do conhecimento ancestral da comunidade Magüta durante a pandemia de Covid-19.

Nesta pesquisa, observa-se que a comunidade Magüta não somente utilizou plantas durante a pandemia, mas também incorporou elementos de fé, oração e jejum em sua prática. Nota-se uma transformação cultural e religiosa, onde as crenças indígenas se entrelaçam com influências da cultura ocidental judaico-cristã, particularmente no contexto da adoração a um Deus em um local de culto, conhecido como igreja. Atualmente, a Comunidade Filadélfia abriga quatro igrejas, sendo duas delas de origem indígena, fundadas pelos próprios Magüta, e duas de não indígenas. Essas igrejas incluem a Igreja Batista Independente, a Igreja Assembleia de Deus de Filadélfia, a Igreja Evangélica Indígena de Filadélfia e a Igreja Evangélica Tikuna (João, 2023).

Os Magüta são um povo indígena localizado nas várzeas na região amazônica, que possui uma rica tradição de conhecimentos e práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais para cuidar da saúde. Isso envolve investigar quais plantas são utilizadas, como são preparadas e administradas, e qual é o conhecimento tradicional que sustenta sua eficácia no contexto da pandemia.

A pesquisa sobre o conhecimento ancestral dos Magüta no enfrentamento da Covid-19 por meio das plantas medicinais é relevante por diversos motivos. Em primeiro lugar, é notável o esforço em valorizar e preservar os saberes tradicionais das comunidades indígenas, mesmo quando estas abraçam o cristianismo. A adoção da fé cristã não resulta na desvalorização dos conhecimentos ancestrais; ao contrário, fortalece-os. Os cristãos Magüta argumentam que ser cristão não prejudica a cultura local, mas, ao contrário, contribui para o bem-estar da comunidade. Eles enfatizam a importância de adotar práticas benéficas para a comunidade, sem renunciar às suas antigas tradições culturais. A importância do uso de remédios tradicionais é de uma relevância para a comunidade. Ao longo dos séculos, quando os recursos como farmácias e hospitais eram

³ Neste contexto, quero enfatizar que não desejo que a pandemia afete os Magüta. Em vez disso, meu objetivo é destacar a importância de reconhecer a valiosa sabedoria ancestral da nossa cultura. A experiência da pandemia trouxe à tona a noção de que, sem passar por esse desafio, tal vez não compreendêssemos plenamente a profundidade e a riqueza das nossas tradições. Prosseguindo na análise, o próximo segmento se concentrará na exploração desses conhecimentos ancestrais. A presente exposição visa transmitir esses ensinamentos para as gerações vindouras. A ideia subjacente à "renovação" reside em fortalecer a preparação, considerando a imprevisibilidade das doenças.

inexistentes, a floresta se estabeleceu como a principal fonte de tratamento para ferimentos menores e condições médicas. As plantas medicinais sempre foram a escolha tradicional para tratamentos curativos. Durante a pandemia, a comunidade não apenas manteve essa prática, mas também incorporou junto a fé antes no uso dessas plantas na luta contra a doença, como a maioria na atualidade são cristãos, essa peça ajuda de Deus, e as que não são chama outros deuses da terra, como o xamã. Além disso, pode oferecer "percepções"⁴ valiosas para a medicina convencional, auxiliando no desenvolvimento de abordagens integrativas e complementares de tratamento.

A Pandemia do novo coronavírus gerou grande comoção e apreensão, afetando profundamente as famílias, cidades, estados e países ao redor do mundo em que vivemos.

“Coronavírus é um vírus zoonótico, um RNA vírus da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae. Esta é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, os quais foram isolados pela primeira vez em 1937 e descritos como tal em 1965, em decorrência do seu perfil na microscopia parecendo uma coroa. Os tipos de coronavírus conhecidos até o momento são: alfa coronavírus HCoV-229E e alfa coronavírus HCoV-NL63, beta coronavírus HCoV-OC43 e beta coronavírus HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave ou SARS), MERS-CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio ou MERS) e SARSCoV-2, um novo coronavírus descrito no final de 2019 após casos registrados na China. Este provoca a doença chamada de COVID-19” (Lima, 2020, p. V).

Durante a pandemia de Covid-19, cientistas e médicos buscaram diversas soluções para encontrar uma cura, mas infelizmente muitas mortes ainda ocorreram em todo o mundo. Por outro lado, as comunidades indígenas Magüta buscam soluções utilizando seus remédios ancestrais e conhecimentos tradicionais, o que é uma unidade de análise importante e organizada. É importante esclarecer que essas práticas indígenas são reconhecidas por sua eficácia em muitos casos, embora não sejam consideradas oficialmente pela medicina convencional.

Neste trabalho, elaborado, busca-se explorar a relação intercultural entre a medicina ocidental e os conhecimentos ancestrais dos Magüta no enfrentamento da Covid-19. Considerando os sistemas culturais de saúde como sistemas atenção à saúde e tanto um sistema cultural quanto um sistema social de saúde culturais, analisaremos como os Magüta preservaram seus conhecimentos tradicionais e utilizaram plantas medicinais como estratégia para combater os efeitos da pandemia.

O sistema cultural de saúde ressalta a dimensão simbólica do entendimento sobre saúde, incorporando os conhecimentos, percepções e cognições utilizados para definir, classificar, perceber e explicar a doença. O sistema de atenção à saúde é tanto um sistema cultural quanto um sistema social de saúde. Aqui, define-se sistema social de saúde como aquele composto pelas instituições relacionadas à saúde, pela organização dos papéis dos profissionais de saúde nele envolvidos, suas regras de interação, assim como as relações de poder inerentes a ele. Comumente, essa dimensão do sistema de atenção à saúde também inclui especialistas não reconhecidos pela biomedicina, como benzedeiras, curandeiros, xamãs,

⁴ Ao empregar aspas em meu texto, esclareço quando cito diretamente uma fonte, introduzo termos técnicos, destaco expressões específicas ou enfatizo palavras. Este uso de aspas é uma convenção que sinaliza a importância de certas palavras ou frases, seja como citação direta, destaque ou uso específico no contexto. A expressão 'colocar aspas no texto' refere-se à ação de realçar uma parte específica, utilizando aspas ("). Assim, indico que tais palavras ou frases têm relevância especial no contexto do texto.

pajés, massoterapeutas, pais de santo, pastores e padres, entre outros (Langdon, E. J., Wiik, F. B. 2010, p. 179).

Conhecimentos ancestrais dos Magüta, transmitidos de geração em geração, oferecem abordagens complementares e alternativas no combate à Covid-19. O uso de plantas medicinais tradicionais representa uma forma de tratamento e prevenção baseada nas crenças/saberes e prática culturais da comunidade. Além disso, evidencia a importância do resgate e valorização desses saberes tradicionais.⁵ Isso implica em considerar as perspectivas e conhecimentos culturais específicos de cada comunidade, integrando-os ao sistema de saúde vigente de forma respeitosa e colaborativa.⁶ As comunidades indígenas têm desempenhado um papel fundamental no combate à pandemia, aplicando seus conhecimentos ancestrais e práticas tradicionais para lidar com os desafios impostos pela Covid-19. O povo Magüta valoriza e confia em seus conhecimentos tradicionais, utilizando plantas medicinais como uma abordagem complementar às práticas ocidentais. Além disso, é relevante ressaltar como o uso desses conhecimentos ancestrais pode contribuir para a promoção da saúde e a busca por soluções eficazes e culturalmente relevantes. Isso pode envolver a reflexão sobre a importância da interculturalidade e do diálogo entre os sistemas de medicina tradicional e ocidental. De acordo com Giraldo e Hanazaki (2010), ao longo da história da humanidade, tem sido uma prática constante a busca por recursos naturais na natureza, com o objetivo de melhorar as condições de vida e aumentar as chances de sobrevivência.⁷ É fundamental enfatizar a razão pela qual abordarei detalhadamente tópicos como a organização em clãs, o casamento, o parentesco, a mitologia e as mudanças nas percepções e práticas entre as gerações mais antigas e as mais jovens dos Magüta. Isso será apresentado no próximo capítulo para esclarecer como o conhecimento tradicional de Magüta e seu uso de plantas na luta contra a Covid-19 estão intrinsecamente ligados à estrutura e organização social, aos eventos históricos e ao contexto contemporâneo dessa comunidade, bem como à dinâmica de relacionamentos, aprendizado e conexões sociais e espirituais entre os indivíduos e o ambiente natural que os rodeia, e por isso é necessário expor as crenças, práticas e valores que permeia a vida dos Magüta.

1.1 Considerações teóricas do trabalho

⁵ Nesse sentido está destacando a necessidade de reconhecer a diversidade de abordagens no campo da saúde.

⁶ Enfatizando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e holística, que valorize e respeite as diferentes formas de compreensão e práticas de saúde. A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas disse nesse sentido que “O princípio que permeia todas as diretrizes da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas é o respeito às concepções, valores e práticas relativos ao processo saúde-doença próprios a cada sociedade indígena e a seus diversos especialistas. A articulação com esses saberes e práticas deve ser estimulada para a obtenção da melhoria do estado de saúde dos povos indígenas” (FUNASA, 2002, pág.18). Porém, esse respeito e articulação da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) brasileiro tem um paradigma e abordagem principalmente biomédico, e nem sempre leva em conta a inclusão e a perspectiva integral necessária para acolher o conhecimento indígena e seus valores e práticas relacionados ao próprio processo saúde-doença.

⁷ Isso implica que os seres humanos têm reconhecido a importância dos recursos naturais e têm explorado o ambiente em busca de alimentos, medicamentos, materiais de construção e outras necessidades básicas. Essa busca por recursos na natureza demonstra a interação constante entre os seres humanos e o meio ambiente, destacando a dependência e a conexão que os seres humanos têm com a natureza ao longo do tempo.

Este trabalho se insere em um contexto de interseção entre a interdisciplinaridade nas áreas da saúde intercultural, medicina tradicional e antropologia. O objetivo é compreender como as práticas tradicionais da comunidade indígena de Filadelfia (Ūtchigüne), contribuíram para sua resistência durante a pandemia, considerando as restrições governamentais que proibiam a aproximação tanto de povos indígenas quanto não indígenas, especialmente os Magüta, que não podiam buscar remédios nas cidades devido às restrições.

Para realizar este estudo, utilizamos diversas fontes de informação, incluindo literatura científica sobre a botânica, medicina tradicional e conhecimentos magüta e também de outros povos indígenas. Também realizamos entrevistas e interações com os membros de comunidades Magüta, a fim de obter dados, em primeira mão, sobre seus conhecimentos, práticas e crenças relacionadas ao uso de plantas medicinais no enfrentamento da Covid-19. A análise qualitativa dos dados coletados foi conduzida para identificar os principais aspectos do conhecimento ancestral dos Magüta e suas aplicações na saúde, desenvolvendo assim uma metodologia de pesquisa de campo e análise cujos detalhes explicaremos melhor mais adiante.

Trabalharemos em análise crítica, de citação direta e indireta desses aspectos para nos ajudar a compreender como esse povo enfrentou a desafiou Covid-19. Vamos começar esta jornada explorando a história e as características distintivas da cultura Magüta, antes de mergulharmos em suas práticas de saúde e sua relação única com a natureza. Revisaremos as literaturas, artigos, livros, revistas, e destacaremos as principais tradições medicinais do povo Magüta e como eles também possuem saberes para enfrentar qualquer tipo de doenças, o que permitiu o uso de conhecimentos deles como estratégia para mitigar o efeito da pandemia.

Nessa abordagem, optei, com todo o respeito, por aproveitar os trabalhos dos pesquisadores não indígenas e referências próximas à população Magüta como complemento e argumentos do trabalho. Além disso, investiguei outros trabalhos e pesquisas sobre outras populações indígenas de diferentes etnias que passaram pela mesma situação de enfrentamento do Covid-19. Diversos autores contribuíram para o entendimento dessa interação entre comunidades indígenas, plantas medicinais e saúde começando pelo Wade Davis, antropólogo e etnobotânico. Ele oferece uma perspectiva valiosa sobre a relação íntima entre culturas indígenas e o ambiente natural, destacando a importância das plantas na cosmologia e cura. Eduardo Viveiros de Castro, renomado antropólogo brasileiro, em suas reflexões sobre a perspectiva ameríndia, proporciona uns valiosos contextos sobre a cosmovisão indígena, que muitas vezes é fundamental para compreender as práticas culturais de um povo, como sua mitologia sobre a origem da cultura, da humanidade, que por sua vez está relacionado à saúde do povo.

Outro autor relevante é Richard Evans Schultes (1992), explorador, botânico e etnobotânico, que dedicou parte significativa de sua carreira ao estudo da biodiversidade exuberante da floresta amazônica, especificamente a pesquisa e catalogação das suas plantas e suas aplicações nas práticas medicinais indígenas. Ao adentrar o vale de Sibundoy em 1941, não só dedicou-se ao estudo dos componentes do curare, mas imergiu-se nos conhecimentos xamânicos da tribo Kofan. Documentou meticulosamente mais de 24.000

espécies de plantas, muitas das quais permaneciam desconhecidas para a ciência ocidental. Profundando sua conexão com as culturas indígenas; Schultes participou de rituais junto aos Witotos e Kamentsa, experimentando, sob a orientação de um Taita (xamã), a ayahuasca pela primeira vez. Durante a expedição de doze anos em busca de plantas de borracha, cultivou um profundo respeito pelo conhecimento das tribos Tucano sobre as propriedades das plantas. Schultes não se limitou a contribuir para a compreensão científica da ayahuasca; desempenhou um papel vital na preservação da região amazônica colombiana, defendendo os direitos dos povos indígenas e servindo de inspiração para exploradores e etnobotânicos como o mesmo Wade Davis. Sua colaboração com Albert Hofmann foi fundamental para desvendar os segredos da ayahuasca, sublinhando a íntima interconexão entre a diversidade biológica e a diversidade cultural na região amazônica. Neste contexto, este estudo busca uma compreensão aprofundada de como os diversos membros da comunidade Magüta percebem, experimentam e explicam a relevância dos remédios tradicionais em suas vidas, bem como os significados culturais e espirituais intrinsecamente associados a essas práticas medicinais. Isso significa que as culturais e espirituais associados aos remédios tradicionais podem incluir a crença de que esses remédios são uma manifestação tangível da conexão espiritual com a natureza e os antepassados. Além disso, podem representar a preservação da identidade cultural da comunidade e a continuação de tradições ancestrais. Muitas vezes, esses remédios são vistos como símbolos de cura não apenas do corpo, mas também da alma, reforçando a importância da espiritualidade e do equilíbrio com o ambiente natural.

Do mesmo modo que outras etnias enfrentam diversas enfermidades os Magüta também enfrentaram e sobreviveram diante de muitos desafios, usando aos seus conhecimentos tradicionais, recorrendo a suas florestas, a floresta. Ela é a sua biblioteca e, é como sua farmácia, naturalmente na sua cosmovisão é a riqueza e esperança que eles têm quando não há outra cura ou remédio farmacológico tal como abordar o autor. Richard Evans;

“Para ele, as florestas são como grandes bibliotecas onde o conhecimento está armazenado e disponível para quem quiser lê-lo. Ele admirava e respeitava os índios amazônicos porque eles sabem ler nesta biblioteca e são seus guardiões há séculos. Queimar a floresta amazônica para dar lugar ao gado é como queimar uma biblioteca para dar lugar a um estacionamento, e Schultes temia que, com a taxa de destruição atual, 'as florestas clímax se transformarão em vegetação arbustiva', para nunca mais recuperar seu estado original” Biodiversity Heritage Library (BHL), (2020, s. p)⁸

A relação entre as culturas indígenas e a natureza tem sido historicamente profunda e intrincada. Os Magüta, há séculos, têm utilizado uma rica variedade de plantas medicinais para tratar uma ampla gama de condições de saúde.

Roberto Cardoso de Oliveira (1996) na obra “O Índio e o Mundo dos Brancos” oferece uma perspectiva detalhada sobre a história da integração dos Tükúna no sistema econômico regional, destacando

⁸ Artigo sem numeração de página; disponível em: <https://blog.biodiversitylibrary.org/-2020/08/richard-evans-schultes.html> acesso em: 10 de outubro de 2023.

como essas comunidades desenvolveram um *modus vivendi* para sobreviver às desafiadoras condições do contato com a sociedade brasileira do alto rio Solimões. Ao longo dos séculos XVII e XVIII até XIX, a região do alto Solimões foi explorada e documentada por diversos cronistas, como Acufia, Padres José de Moraes, Monteiro Noronha, Ribeiro de Sampaio, Aires de Casal, Lister Maw, Castelnau, Walter Bates e Von Hassel. Estes observadores forneceram perspectivas distintas sobre a região e as populações indígenas, destacando os desafios enfrentados durante o processo de contato. O autor enfatiza a "terceira invasão" dos caucheiros e como essa chegada teve impacto na população Tükúna, ressaltando a violência associada à expansão extrativa. A dinâmica entre a ação missionária e a violência é abordada, indicando que apesar dos esforços missionários de catequese, as epidemias, como varíola e gripe, resultaram em perdas significativas de vidas durante as descidas dos indígenas para as reduções religiosas. Oliveira cita um relato jesuíta dos anos 1670, destacando a entrada dos Missionários da Companhia no rio Solimões para catequizar indígenas no contexto de uma tropa de resgates. Este episódio ilustra as complexas interações entre não indígenas e populações locais, caracterizadas por negociações, violência e o impacto devastador das epidemias. Dessa forma, o autor oferece uma compreensão aprofundada das experiências dos Tükúna durante o período de contato, evidenciando as complexidades das interações culturais e os desafios enfrentados por essas comunidades.

No artigo de Romário Maurício de Andrade (2022), aborda a presença significativa do uso de plantas medicinais nos municípios do Alto Solimões, na região amazônica, destacando o conhecimento das pessoas sobre o emprego dessas plantas no tratamento da Covid-19. O autor ressalta a importância de divulgar informações sobre remédios caseiros de origem vegetal, amplamente reconhecidos e comercializados na comunidade local. Ele comprovou que estes remédios são usados para várias enfermidades, em especial para resguardo de Covid-19, através de seu trabalho de campo e a comunidade Indígena Tikuna de Bom Jesus II, localizada no Município de São Paulo de Olivença do Estado de Amazonas Brasil onde ele examinou o bom resultado que esses remédios tiveram para a população local.

Neste contexto de artigo de indígena Iuri da Costa Felipe - Tapü'ücü (2021), no seu texto, ressalta a longa história de dizimação e invisibilidade enfrentada pelos povos indígenas, destacando os direitos conquistados ao longo do tempo, consagrados na Constituição Federal de 1988. Contudo, expressa indignação diante da falta de respeito por esses direitos e das políticas desconsideradas pela sociedade. Critica a visão do presidente, que os considera obstáculos ao desenvolvimento do Brasil, questionando a quem esse desenvolvimento realmente beneficia. Ao rejeitar imposições e argumentos contrários à sua forma de vida, Felipe observa o governo adotar estratégias negligentes durante a pandemia como forma de desconsideração e desvalorização de suas comunidades.

O indígena Magüta Iuri da Costa Felipe - Tapü'ücü, ressalta no seu artigo (2021) a longa história de dizimação e invisibilidade enfrentada pelos povos indígenas, destacando os direitos conquistados ao longo do tempo, consagrados na Constituição Federal de 1988. Contudo, ele expressa indignação diante da falta de respeito por esses direitos e das políticas desconsideradas pela sociedade. Critica a visão do anterior presidente

Bolsonaro, que os considera obstáculos ao desenvolvimento do Brasil, questionando a quem esse desenvolvimento realmente beneficia. Ao rejeitar imposições e argumentos contrários à sua forma de vida, Felipe observa que o governo adotou estratégias negligentes durante a pandemia como forma de desconsideração e desvalorização das comunidades indígenas. Nesse trabalho, o autor Magüta Felipe (2021), fez um levantamento sobre um professor Magüta que, devido à Covid-19, veio a falecer. Nesse contexto, a impossibilidade de alcançar e se despedir da família, assim como a impossibilidade da família se despedir, devido às medidas de prevenção, ressalta as dificuldades enfrentadas. Apesar de existirem instituições e políticas de saúde consolidadas para os povos indígenas, como a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) e os serviços do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI), como destacado por Felipe (Ob. Cit p. 2), "vivenciamos muitas perdas de parentes e familiares, mestres anciãos, professores, entre outros, em mais de um ano de pandemia, e nenhum plano de ação consolidado foi feito até o momento pelo governo para contê-las nos territórios indígenas." Essa constatação evidencia a necessidade de ações mais efetivas e coordenadas para proteger as comunidades indígenas diante dos impactos da pandemia.

Outras pesquisas documentada sugerem que as plantas da vida cotidiana dos Magüta, sendo usadas para tratar doenças, aliviar dores e fortalecer o corpo. Um exemplo notável é o uso da “Magüta Yerba”, uma planta endêmica da região que é reverenciada por suas propriedades medicinais. Esta erva é frequentemente usada para preparar infusões que ajudam a aliviar sintomas de gripes e resfriados, além de promover uma sensação geral de bem-estar. A eficácia desses remédios tradicionais é evidenciada pela longevidade e saúde relativa dos Magüta ao longo das gerações.

Essa colaboração resultou em valiosos registros de práticas medicinais Magüta, incluindo a identificação precisa de plantas, métodos de preparação e protocolos de administração. Além disso, a etnobotânica destaca a importância da preservação dessas plantas e de seus ambiente naturais, garantindo que futuras gerações de Magüta possam continuar a acessar esse conhecimento valioso. A pandemia de Covid-19 trouxe à tona a necessidade de explorar abordagens alternativas de tratamento e prevenção, incluindo o uso de medicina tradicional e plantas medicinais.

Nessa abordagem, aprofundamos as plantas medicinais tradicionais e, fazemos uma comparação com outras práticas e plantas medicinais de outros povos indígenas, considerando as nuances culturais. Durante a pandemia, comunidades na Amazônia, como o povo Magüta, entre outras etnias enfrentaram desafios, recorrendo aos remédios tradicionais enraizados em conhecimentos ancestrais. Além de serem práticos, esses remédios expressam resistência cultural, destacando a importância de preservar tradições. O estudo visa compreender e respeitar essas práticas, integrando-as de maneira colaborativa aos sistemas de saúde convencionais, promovendo saúde física e preservação cultural diante de desafios como a pandemia.

Neste artigo, investiga-se a variedade de perspectivas entre os membros diferentes do grupo da comunidade indígena Magüta em relação ao tema abordado como o artigo da National Geographic (2020), cita o pajé Ercolino de Jorge Araújo Alves, da etnia Desana, e como ele enfrentou a pandemia do Covid-19

em sua comunidade em; São Gabriel da Cachoeira, no extremo noroeste do Amazonas, com uma resiliência notável. Ele compartilha que optou por utilizar o benzimento tradicional, acreditando que isso aceleraria o processo de cura, afirmando: “Vou usar o benzimento tradicional e, desse jeito, vai curar mais rápido. Dito e feito, acertei.” O pajé destaca que recebe ensinamentos de seu avô desde os 14 anos e que o ancião continua a orientá-lo através de sonhos, indicando-lhe o caminho a seguir. De acordo com relatos do médico Guilherme Reis Monção, que atende pelo programa Mais Médicos, a resposta rápida da comunidade indígena à chegada da Covid-19 foi notável. Em um mês, a comunidade indígena já estava bem-informada e consciente dos procedimentos a serem adotados diante da Covid-19. O médico destaca que a população estava preparada desde o surgimento do primeiro caso, refletindo uma prontidão e instrução significativas. Durante seus 30 dias de trabalho de campo consecutivos e quatro meses de atendimentos e negociações por equipamentos, Monção observou a transição gradual para o uso de remédios tradicionais pelos indígenas, evidenciando a adaptação diante do impacto do vírus.

João Paulo Tukano, coordenador do Centro de Medicina Indígena, compartilhou sua experiência em um congresso nacional sobre enfermagem em Brasília, destacando a falta de reconhecimento e a classificação equivocada da medicina indígena como alternativa. Ele enfatiza a necessidade de uma mudança na perspectiva exclusivista ocidental em relação à medicina, argumentando que a cura é uma arte presente em todas as culturas, e cada povo possui sua abordagem única.

Apesar das dificuldades, João Paulo vislumbra alguma mudança na percepção, notando que na sua comunidade indígena, começou a adotar práticas mais integrativas, como o uso de chás, o que ele vê como um desenvolvimento positivo. Essa abordagem permite a apreensão da complexidade da medicina tradicional, revelando sua profunda conexão com a cultura. Nossos métodos de pesquisa, ao coletar visões diversificadas, estão em perfeita sintonia com nosso objetivo de compreender integralmente o valor da medicina tradicional na comunidade Magüta, destacando assim a singularidade e relevância deste estudo.

O povo Magüta eles também adotaram os remédios tradicionais para poder sobreviver, aproveitaram usar o seu remédio ancestral enquanto não havia remédio específico contra Covid-19. Segundo o G1⁹, os tratamentos disponíveis para o Covid-19, antes do desenvolvimento de medicamento específicos para essa enfermidade, focavam o trabalho dos médicos focavam principalmente em tratar os sintomas dos pacientes e oferecer suporte respiratório quando necessários. Algumas práticas incluindo o uso de medicamentos antivirais existentes, corticosteroides em casos graves e medidas de suporte, como a administração de oxigênio. Os indígenas usavam seus remédios tradicionais com sabedoria, enquanto os enfermeiros do Unidade Básica de Saúde (USB) auxiliaram também com o remédio ocidental.

No entanto o uso de medicina tradicional no contexto da Covid-19, também apresento desafios. A falta

⁹ Um artigo com sem número de página G1. CORONAVIRUS. Tratamentos contra COVID já disponíveis e como funcionam. G1 Saúde. James Gallagher. 25 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/01/25/os-tratamentos-contracovid-ja-disponiveis-e-como-funcionam.ghtml>. Acesso em: 18 out 2023.

de padronização na preparação e dosagem de tratamentos à base de plantas levanta preocupações sobre a consistência e a segurança desses métodos. Além disso, a interação entre medicina tradicional e medicamentos farmacêuticos modernos deve ser cuidadosamente monitorada para evitar efeitos adversos. Outro aspecto importante é a consideração ética. É fundamental que o uso da medicina tradicional seja realizado com respeito às culturas e às práticas locais, evitando a apropriação cultural e garantindo que as comunidades detentoras desses conhecimentos sejam devidamente reconhecidas e consultadas. A abordagem de saúde intercultural é uma tendência crescente em muitas comunidades indígenas em outros lugares. Essa integração busca reconhecer a importância dos saberes indígenas e suas contribuições para a promoção da saúde.

No contexto dos Magüta, a saúde intercultural desempenha um papel importante. A pandemia de Covid-19 destacou a relevância desses saberes, pois muitos Magüta recorreram a tratamentos tradicionais para aliviar sintomas e fortalecer seus sistemas imunológicos. Muitas vezes, os Magüta optam por uma combinação de tratamentos tradicionais e médicos convencionais. Por exemplo, ao receberem um diagnóstico de Covid-19, podem seguir tratamentos médicos, como o uso de medicamentos prescritos, enquanto complementam com chás de ervas medicinais tradicionais para aliviar sintomas como febre e dor de garganta. No cenário global, as discussões sobre propriedade intelectual e direitos autorais em relação ao conhecimento tradicional têm ganhado destaque. É fundamental garantir que o uso e a divulgação desse conhecimento sejam feitos de maneira respeitosa, evitando a apropriação cultural.

Registro de Conhecimento Tradicional: Alguns países têm estabelecido sistemas de registro para o conhecimento tradicional, permitindo que as comunidades indígenas protejam suas práticas e saberes. A integração da medicina tradicional com a medicina convencional e a proteção do conhecimento ancestral dos Magüta são elementos essenciais para a resposta à pandemia e para a preservação da herança cultural dessas comunidades. Essas abordagens oferecem uma visão valiosa de como diferentes sistemas de saúde podem coexistir e colaborar para o bem-estar das populações indígenas.

1.2 Questões Teóricas Preliminares

No começo do coronavírus 2019 em Wuhan (China), no final de 2019, marcou a vida da humanidade toda que teria repercussões significativas em escala global. No final do ano de 2019, uma nova forma de coronavírus, chamada de coronavírus 2019 (ou Covid-19), emergiu na cidade de Wuhan, na China. Esse novo vírus rapidamente se espalhou para outras partes do mundo, desencadeando uma pandemia que afetou a saúde pública, a economia e a vida cotidiana das pessoas em todo o planeta, os povos indígenas Magüta. A chegada do Covid-19 em Wuhan foi caracterizada por uma rápida disseminação entre os seres humanos, levando a uma série de desafios e consequências sem precedentes. A propagação do vírus destacou a necessidade urgente de entender sua origem, características, mecanismos de transmissão e maneiras de prevenir a disseminação.

A pesquisa realizada neste trabalho demonstra de maneira consistente a coerência e relevância dos saberes ancestrais do povo Magüta, os quais têm o potencial de serem valorizados também por indivíduos não

indígenas. É interessante ressaltar que a maior parte das abordagens presentes na pesquisa aborda tratamentos baseados em botânicos e plantas medicinais, identificando seus benefícios substanciais. Esse aspecto desafia preconceções arraigadas, especialmente aquelas que tendem a considerar que apenas a medicina e ciência biomédica ocidental detêm a capacidade de enfrentar doenças de gravidade considerável.

Ao explorar o conhecimento ancestral do povo Magüta, emerge uma notável distinção: a sua contribuição inestimável ao ser combinada com a prática experiências das plantas medicinais e ancorada na fé em seu Deus Tupana¹⁰. Essa sinergia tem exercido uma influência palpável na saúde e no tratamento de enfermidades, não se restringindo apenas à pandemia de Covid-19, mas abrangendo uma variedade de condições médicas. Ao decifrar e interpretar esses processos complexos, é possível enriquecer a nossa percepção da interação multifacetada entre as dimensões culturais, a interculturalidade, o conhecimento botânico e as abordagens de saúde comunitária.

Aprofundar a compreensão desses elementos revela um panorama abrangente de como as abordagens tradicionais e as práticas espirituais têm sido integradas ao âmbito da saúde e do bem-estar. Por meio dessa análise, é possível elucidar conexões sutis e profundas entre a cultura, os sistemas de conhecimento tradicional e as atuais práticas de saúde, destacando o valor dessas perspectivas interligadas no contexto de desafios de saúde contemporâneos. Nessa pesquisa os Magüta recorreram aos seus próprios remédios encontrados em seu ambiente as plantas medicinais, segundo Pedroso et al. (2021), as plantas possuem um vasto arsenal de produtos químicos, incluindo compostos orgânicos e inorgânicos, que têm sido explorados pelo homem ao longo da história. Muitas vezes, essas plantas são empregadas como terapia complementar aos tratamentos convencionais, influenciadas por práticas milenares ou por recomendação de familiares, transmitindo esse conhecimento ao longo de gerações (PEDROSO et al., 2021). Membros dessas comunidades buscaram suas

¹⁰ No início deste estudo, foi discutido o papel do Deus (Tupana) também conhecido como Ü'üñecü o Deus sagrado do povo Magüta, conhecido como Yo'i, nos princípios da criação, sendo considerado o salvador e a base da existência do povo. No entanto, foi destacado que esse conceito é percebido como um mito antigo dentro da cultura magüta. A por diante deste contexto segundo na pesquisa de campo realizada na área indígena da comunidade de Filadelfia, através de entrevistas e diálogos feitos em pessoal, chamadas de vídeo, e através de mensagem eletrônico, surge menção do Deus passado e conhecido tanto como Tupana ou como Yo'i, quem junto a seu irmão gêmeos Ipi desempenham um papel fundamental nas histórias de origem. Segundo líderes, Pastores missionários teólogos e membros da comunidade, esse que entre os Magüta chamaram Deus e na sua língua tradução mítica Yo'i ganhou uma conotação simbólica significativa na contemporaneidade. Ele é visto assim como uma "sombra do passado" que foi revelada pela Bíblia como um caminho para a verdade. Essa interpretação se baseia na crença de que Yo'i prometeu retornar um dia, quando o "vivesse em paz e praticasse o bem". Esse compromisso, embora simbólico, é equiparado à crença cristã de que um dia "Jesus Cristo voltará para reunir seu povo". Nesse contexto, a figura de Yo'i representa uma esperança futura para os Magüta, semelhante à crença cristã na segunda vinda de Jesus Cristo. Embora Yo'i ainda não tenha retornado, essa promessa simbólica mantém viva a fé e a expectativa de um futuro melhor, onde a paz e o bem prevalecerão. No entanto o que Yo'i tinha ordenado sobre os clãs a organização social e sobre o respeito de manter a cultura viva, como sea si pintar com jenipapo com simbologia de clãs e tudo o que não faz mal a comunidade, mesmo como evangélicos, e cristãos magüta devem ter valor cultural enquanto mitologia e como a sombra da verdade, O que foi no seu passado o Deus Yo'i, é afirmado ele simboliza a espiritualidade do povo Magüta ao lado positivo, (testemunha do Atos Vasques). Em passar por muitas obstáculos e dificuldades, e também como o passo do tempo, os Magüta que receberam e conheceram a nova fé a crença em Jesus Cristo Deus (Ngetchutchu ya Cristo, Ü'üñecü) e assim se tornaram evangélicos magüta acreditam que o Deus dos Judeus é o verdadeiro, Eli Leão Catacgunga. O Deus dos judeus, que não exige pagamento material, foi visto como um aliado importante durante a pandemia de Covid-19. Os magüta cristãos acreditam que Deus dos Judeus os auxiliou revelando conhecimentos sobre plantas medicinais por meio de visões, proporcionando remédios caseiros, chás e banhos que contribuíram para o tratamento durante a crise de saúde. A adaptação espiritual dos Magüta diante das mudanças em sua sociedade é reflexo da busca por soluções e conforto espiritual durante períodos desafiadores, como a pandemia.

sabedorias ancestrais, contribuindo para a redução da mortalidade pela Covid-19. "Conforme observado por Cavallo (2018), o conhecimento indígena tradicional não se limita apenas aos saberes acumulados ao longo dos séculos, mas também abrange a visão holística do mundo, uma filosofia de vida que tem sido fundamental para as sociedades indígenas ancestrais."

Nesse sentido, esta pesquisa busca explorar a eficácia dos remédios tradicionais utilizados pelos povos Magüta no tratamento dos sintomas da Covid-19. Esta abordagem deriva de um processo que envolve tanto a avaliação prática quanto a fé espiritual, aspectos intrínsecos à cultura Magüta. De acordo com Davis (2008), para entender o papel atualmente atribuído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e outras agências internacionais à diversidade cultural no desenvolvimento social e econômico, é necessário fazer uma breve análise do histórico da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas (CNUDH) em relação ao reconhecimento inicial dos "direitos culturais", abrangendo também os direitos das populações indígenas e de outras minorias étnicas e raciais.

A pesquisa serviu para contribuir na percepção sobre a visão dos povo Magüta com as plantas medicinais, mostrando como as crenças cosmovisão é aplicados na prática, seja no desenvolvimento de políticas de saúde, na promoção do uso responsável de plantas medicinais ou em ações voltadas para a preservação da cultura indígena, ajudaram a comunidade durante a pandemia com um lado positivo, diante da impossibilidade de adquirir medicamentos farmacêuticos no tempo da pandemia, no momento da comunidade passa por desafio em desespero, a única esperança é a botânica prática medicina e confiaram em Deus (Ü'ünekü ou Tupana) o Deus sagrado. Esse uso de medicinais botânico ajudou vários casos a si tratarem durante à Covid-19. A botânicas disponíveis e seu uso, resultando em melhorias notáveis em sua saúde.

Os remédios tradicionais são parte integrante do sistema de crenças e práticas, que não só serviu durante no momento da pandemia, mais que si serviu para muitas coisas, incluindo para pesquisadores de empresas, e; cientistas Segundo López Garcés et al. (2012), o acesso ao conhecimento tradicional relacionado ao patrimônio genético ocorre quando pesquisadores ou empresas buscam informações sobre práticas individuais, como o conhecimento dos pajés, ou práticas coletivas, compartilhadas por toda a comunidade, relacionadas a plantas ou animais. Isso é frequentemente realizado por meio de perguntas que visam identificar o uso de plantas para fins medicinais, artesanato e outros usos. Essas informações podem ser procuradas tanto para fins de estudo acadêmico, como a realização de trabalhos universitários, quanto para avaliar o valor desses conhecimentos na criação de produtos cosméticos, como cremes, xampus e sabonetes, além de medicamentos.

Demonstrando propriedades terapêuticas em diversos contextos, desde calmantes até a cura de feridas. Os Magüta exploraram uma estratégia experimental que envolveu a defumação com ervas, tanto em suas residências quanto em espaços públicos. Também se envolveram em práticas como banhos de folhas botânicas. Embora essas abordagens não tenham visado a cura direta da Covid-19, elas serviram para aliviar sintomas, promovendo um certo conforto para as comunidades afetadas. Ao compreender melhor esses processos,

podemos enriquecer nossa compreensão da interação entre a cultura, a ciência botânica e as práticas de saúde comunitária.

Interesse pessoal pelo tema ao compartilhar é baseada na relevância e na importância de preservar e valorizar os saberes tradicionais dos povos indígenas Magüta em um contexto de desafios de saúde pública como a pandemia de Covid-19. Os povos indígenas, ao longo de gerações, acumularam conhecimentos valiosos sobre as propriedades medicinais das plantas e as formas de utilizá-las para tratar diversas condições de saúde. A pandemia de Covid-19 trouxe desafios únicos para essas comunidades e os demais comunidades. A pesquisa sobre o uso das plantas medicinais pelos Magüta no enfrentamento da Covid-19 não apenas contribuirá para ampliar o entendimento sobre a eficácia dessas práticas tradicionais, mas também destacará a importância de preservar a cultura e os saberes desse povo. Além disso, a valorização desses conhecimentos pode abrir novos caminhos para a colaboração entre a medicina tradicional e a medicina moderna, promovendo uma abordagem mais abrangente e integrativa para o cuidado com a saúde.

1.3 Considerações metodológicas

O propósito deste estudo consiste em conhecer os saberes ancestrais na perspectiva da cosmovisão do povo Magüta e sua relação com a natureza e a plantas medicinais. Essa perspectiva fundamental para buscar a desafiar os problemas no tempo da pandemia de Covid-19 se concentra principalmente na intersecção da espiritualidade das crenças e da cultura da comunidade Magüta. Esse conhecimento dos ancestrais no uso de plantas medicinais durante a crise de saúde demonstra um grande valor à natureza, e essa prática de uso de remédio tradicional na comunidade ganhou confiança, uma significativa na vida desse povo, impactando a comunidade indígena e; também, em certa medida, nas autoridades governamentais. Ressalta a relevância de preservar os conhecimentos ancestrais dos Magüta, a abordagem de saúde intercultural e a mesma natureza, que fazem em conjunto partes dos tratamentos utilizados durante o processo de contágio do Covid-19, com intuito de promover a continuidade das práticas culturais e o respeito a tradições.

Além disso investigamos como os Magüta reagiram diante da pandemia que causou tanto dor na vida de cada família, como os/as um indivíduo e coletivo tomaram medidas de cuidado para proteger sua saúde, dado que a Covid-19 é uma enfermidade que requereu estratégias de controle, como o distanciamento social e protocolos de intervenção que limitam aglomerações. Nessa busca de saúde para bem do cada indivíduo e grupo familiares assim como a comunidade ao todo, cada um pensou numa estratégia, e alguns que tem fé, buscaram a espiritualidade. Durante a pandemia, os Magüta manifestaram receios em relação à busca de atendimento hospitalar devido à escassez de medicamentos, especialmente no período anterior ao desenvolvimento de uma vacina eficaz contra a Covid-19. Consequentemente, muitos indivíduos optaram por tratamentos em suas residências, dentro da comunidade. Nesta última abordagem, realizamos a coleta de dados por meio de relatos das vivências compartilhadas pelos membros da comunidade, além de utilizar fontes

disponíveis na internet. Investigaremos como essas práticas de uso de plantas medicinais conquistaram a confiança da comunidade, mesmo na ausência de prescrições médicas formais.

Esta pesquisa foi conduzida de maneira abrangente, empregando uma abordagem qualitativa para obter resultados que refletissem a riqueza das experiências da comunidade Magüta no enfrentamento da Covid-19 através do uso de plantas medicinais. Para garantir a qualidade dos resultados, envolvi ativamente minha família, amigos(as), professores, missionários e o cacique da comunidade. Além disso, obtive contribuições valiosas de enfermeiros(as) do SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena). No campo da pesquisa, foram entrevistados 13 adultos e 2 adolescentes, totalizando 15 participantes, todos eles contribuíram com a metodologia da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada tanto de forma presencial quanto remota. Utilizei diversos materiais didáticos, como artigos, livros, revistas e blogs, entre outros, para dar uma compreensão teoricamente a pesquisa. Explorando as respostas da comunidade específica, adotei uma linguagem mais acessível, alinhada ao cotidiano dos participantes, facilitando assim a compreensão das perguntas e incentivando respostas mais autênticas.

Dado o contexto da pandemia, a pesquisa teve de ser realizada predominantemente online, aproveitando recursos como mensagens de WhatsApp, chamadas de vídeo e telefonemas para obter informações de forma remota. Também conduzi entrevistas presenciais com colegas da Unila e com um ex-cacique da comunidade, garantindo uma abordagem abrangente.

Ao escolher este tema, que trata do conhecimento ancestral dos Magüta sobre plantas medicinais, enfrentar a doença pandemia à Covid-19, simboliza muito para mim como Magüta como desde na minha infância vejo minha família usarem tanto as plantas medicinais para cuidar de mim e de meus irmãos, para combater qualquer tipo de doenças, e via que isso funcionavam aquelas plantas que foram usados na dor. E essas práticas tradicionais que permearam na minha infância, me levou em essa escolha do tema.

Sempre quis saber das plantas medicinais, um dia pensei até ser em mim profissionalizar em botânicos, ou biomedicina se não for médica ou odontóloga, porque esse sempre foi meu paixão em descobrir algo no meio da floresta, a floresta que sempre chama minha atenção com as ricas vitaminas o seu cheiro que sinto quando entro no meio da mata, e sempre isso me faz bem. Como soube das informações que minha família tem utilizado o remédios tradicionais para evitar os contágios de Covid-19, me posicionei em pesquisar sobre mais a este assunto que já sentir na minha alma e me motivou ainda mais a investigar sobre as plantas medicinais; como eles usaram nas estratégias de saúde comunitárias, pesquisei suas diversas visões ancestrais do povo Magüta.

Ao longo da pesquisa, mantive uma abordagem contínua, buscando informações adicionais e validando os resultados obtidos. Explorei não apenas as práticas de cura, mas também a cosmologia, cultura, mitologia e transformações religiosas ocorridas na comunidade Magüta.

A pesquisa etnográfica foi conduzida com sucesso, contando com a colaboração ativa da comunidade

indígena de Filadélfia, que participou das entrevistas online e presenciais, compartilhando suas opiniões e experiências. Essa abordagem abrangente e sensível proporcionou uma compreensão aprofundada do tema, fundamentando a pesquisa para a elaboração do presente trabalho acadêmico.

2 CAPÍTULO I

2.1 Contextualização do povo Magüta

Magüta, quem são? onde estão localizados ou vivem? Quantas são e como surgiram? Nesta contextualização vamos conhecer um pouco de sua cultura, crença e mito. No texto da Unesco (2021, p. 21) “O Ticuna se autodenomina Magüta e sua origem é explicada a partir de um mito”. Adicionalmente, investigamos a localização geográfica contemporânea do povo Magüta, destacando sua presença em diversas regiões do país. “De acordo com a Unesco (2021), os dados demográficos revelam que os Magüta são a maior população indígena da Amazônia e do Brasil, com uma população estimada em aproximadamente 60 mil pessoas no lado brasileiro. Eles habitam principalmente as regiões do Alto e do Médio Solimões, concentrando-se em aldeias próximas aos municípios de Tabatinga e Benjamin Constant.

Em algumas versões dos textos pesquisados sobre Magüta, observa-se que eles são conhecidos como um povo ameríndio, vivem no tríplice fronteira entre Brasil, Peru e o Colômbia. Assim, encontramos numa busca de informação disponível em fontes populares como o site de Wikipedia que “Os ticunas (Tikuna, Tukuna ou Magüta) são um povo ameríndio que habita atualmente a fronteira entre o Peru e o Brasil e o Trapézio amazônico na Colômbia”, (Wikipedia, 2023 s. p).¹¹

[...] o povo Ticuna, que vive na região do Alto Solimões, foi chamado de Tukuna no passado, devido à pintura de jenipapo que usavam no alto do nariz. Com o passar do tempo, a palavra Tukuna se transformou em Ticuna, como resultado das mudanças linguísticas causadas pelo contato com outras culturas. Além disso, a mitologia desse povo é uma importante fonte de informação para entender sua cultura e tradições (Justamand, 2018, p.125).

Os Magüta estão localizados em mais de vinte terra indígenas¹² no tríplice fronteira entre três países vizinhos Brasil, Peru e Colombia. Das cinquenta e nove (59) aldeias¹³ conhecidas em 2002, quarenta e duas

¹¹ Artigo sem numeração de página; Disponível em: [Ticunas – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ticunas) acesso em 16 de agosto de 2023.

¹² No início dos anos 1980 as comunidades Tikuna do Alto Solimões se organizaram pressionando a FUNAI pela demarcação de suas terras que, até então, vinham sendo ocupadas ilegalmente ou, algumas, tituladas pelo INCRA igualmente de modo irregular e fraudulento. No início de 1988 a FUNAI anunciou a demarcação das terras, e as ameaças aos Tikuna, da parte de madeireiros e fazendeiros, tornaram-se cotidianas. Entre os declarados inimigos dos Tikuna, sobre o qual funcionários locais da FUNAI alertavam seus superiores, destacava-se Oscar de Almeida Castelo Branco, madeireiro e fazendeiro na boca do Igarapé Capacete, no Rio Solimões, e grande comerciante local. Recuperado de: <https://kamuri.org.br/kamuri/28-de-marco-33-anos-do-massacre-do-capacete-contra-o-povo-tikuna>KAMURI. Acesso em: 16 ago 2023.

¹³ Vale destacar que as terras indígenas são consideradas propriedades do Estado, Federal e com usufruto permanente do povo ou comunidade para quem elas são demarcadas sendo essas terras inalienáveis e indisponíveis, o que significa que não podem ser vendidas, transferidas ou negociadas. Os direitos dos povos indígenas sobre essas terras são perenes e não expiram com o tempo. Nesse vídeo uns dos primeiros caciques e líder da comunidade indígena, lutava pelos terras, porque eles foram ameaçados pelo não indígenas, como na época já era deles as terras, mais mesmo assim foram ameaçados, então nesse momento que todos os caciques

delas se encontram entre os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença na região próxima a nascente do Igarapé Eware, no Estado do Amazonas. Segundo Negreiro (2018), o território se configura como uma fronteira geográfica, social, política, econômica, cultural e imaginária.

Segundo Marília Facó Soares, os Magüta mantiveram sua distribuição espacial em malocas clônicas no início, tendo mais de cem aldeias na década de 1970. Atualmente, a distribuição das aldeias Magüta mudou significativamente, com índios se fixando em outras regiões próximas a Manaus e outros descendo o rio até Tefé e outros municípios do médio rio Solimões. Os Magüta são encontrados em especial, em seis municípios da região do Alto Solimões na parte de Brasil. Os Magüta continuam residem nas áreas de rios e ilhas fluviais, próximo esses seis municípios da região; “Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santos Antônio do Içá, Tonantins, no Brasil.” (Soares, 2023, s. p.)¹⁴

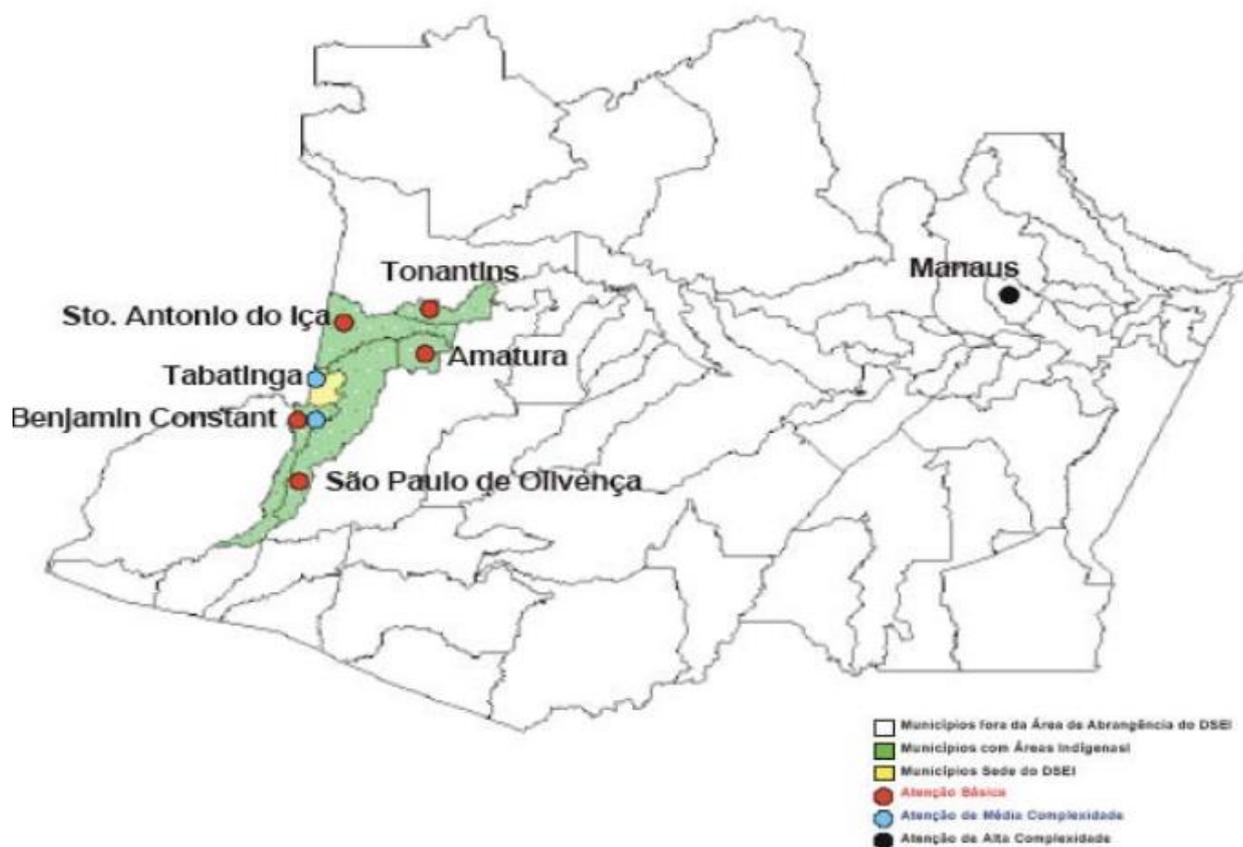
Conforme evidenciado no mapa na figura três (3) abaixo, e as maiorias dos membros da comunidade Magüta sua origem está em esses seis municípios específicos, na tríplices fronteiras-Am, como apresenta na seguinte tabela. Em consonância com as informações demográficas apresentadas pela Unesco (2021), a população Magüta demonstra uma distribuição significativa na Região do Alto Solimões, com um total de aproximadamente 46 mil pessoas. A Tabela 1 detalha essa distribuição, indicando que o polo base de Belém do Solimões se destaca com a presença de 8,8 mil pessoas, distribuídas em um número expressivo de 31 aldeias. Em contraste, observa-se que a maior concentração populacional, caracterizada por um maior número de pessoas em relação a um menor número de aldeias, é encontrada em Umariacú I e II, totalizando 6,4 mil pessoas distribuídas em quatro aldeias. Esses dados evidenciam a heterogeneidade demográfica e a complexidade na distribuição da população Magüta na referida região.

É importante observar que, ao longo deste trabalho, também foi destacado que essa comunidade também se estende a outros municípios na região amazônica. No entanto, é nas seis áreas municipais identificadas que a população indígena Magüta se concentra predominantemente.

da comunidade se reunirão uns com os outros para poder irem a convencer o FUNAI, e irem para Brasília-DF, para poder fazer sua, demarcação das terras, depois de tanta exigências dos caciques, segundo na entrevista do meu pai Ernesto Pedro Coelho, que era cacique de comunidade de Bom Intento I, disse “no meio do acontecimento de massacre, INCRA e FUNAI mi chamaram para fazer reunião, nesse mesmo dia aconteceu massacre que me marcou muito, toda vez que lembro mi faz ficar muito triste, porque muitos dos meus colegas foram mortos e feridos; “disse ex-cacique”. Depois disso o FUNAI fiz um acordo de demarcar as terras indígenas do Alto Solimões, meu pai junto com o ex-cacique Nino Fernandes que era liderança da comunidade de Filadélfia e outros caciques das comunidades, em coletivo, fizeram a demarcação das terras. O vídeo mostra algumas lideranças indígenas que marcaram as terras, que viviam na luta pelos terras. Recuperado de: https://youtu.be/9Z_YSVtEtfik. Acesso em: 16 ago 2023.

¹⁴ Verbete de Internet, sem numeração de página, recuperado de: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna?printable=yes>.

Figura 1: Territórios Dos Povo Magüta (Seis Municípios da região do Alto Solimões e o capital do Amazona).



Fonte: Paulo Roberto de Abreu Bruno, 2008. Recuperado em: 07 setembro 2023.

Tabela 1: Distribuição da população Ticuna no DSEI Alto Solimões, por polo base e número de aldeias

Polo Base	População	Nº. de Aldeias
Belém do Solimões	8.886	31
Betânia	4.175	15
Campo Alegre	5.813	9
Feijoal	4.993	14
Filadelfia	4.593	18
Nova Itália	3.540	18
São Paulo de Olivença	2.500	31
Tonantins	728	6
Umariacú I	1.820	1
Umariacú II	4.638	3
Vendaal	4.272	18
Vila Bitencourt	5	1
TOTAL	45.963	165

Fonte: Ministério da Saúde, 2021

A tabela apresentada destaca as comunidades indígenas Magüta, revelando Polo Base, a População e as Aldeias. Indígenas, revela uma rica diversidade de conhecimentos dentro dessas comunidades. Cada indivíduo possui um conjunto único de saberes, destacando a singularidade cultural que permeia essas localidades. É notável que aquelas comunidades mais afastadas dos centros urbanos mantêm práticas culturais mais intensas, enquanto as mais próximas acabam por preservar a cultura de maneira simbólica, muitas vezes associada a eventos festivos ou aniversários com a apresentação de objetos culturais.

A preservação dessas tradições enfrenta desafios, especialmente quando as comunidades estão em contato mais próximo com os municípios. No entanto, é encorajador observar que alguns professores(as) nas escolas locais se dedicam a ensinar sobre a importância do respeito à cultura indígena, contribuindo para evitar a perda total dessas tradições.

Em um contexto de pandemia, as comunidades indígenas enfrentaram a Covid-19 com resiliência. A transmissão de conhecimento tradicional desempenhou um papel crucial nesse processo, pois aqueles que tinham familiares afetados compartilhavam suas experiências nas comunidades, algum em pessoal e algumas através da eletrônica. Este compartilhamento de informações promoveu uma comunicação eficaz entre as comunidades, fortalecendo os laços e enfatizando a importância dos conhecimentos ancestrais. Os Magüta que vivem em outros países, como Peru e Colômbia, trazem consigo experiências distintas que fortalecem seus laços familiares, como compartilhamento de remédios tradicionais.

Um destaque especial é dado à comunidade Filadelfia (Ūtchigüne), assim como à comunidade vizinha Umariacú II, ambas localizadas na tríplices fronteira e que demonstraram uma colaboração exemplar. Juntas,

fortaleceram práticas tradicionais de medicina, utilizando remédios tradicionais para defumação, incluindo ceras de abelhas, entre outros elementos que mais adiante vamos discutir no subcapítulo respectivo. Essas experiências ricas foram recebidas como uma continuação dos ensinamentos dos ancestrais, perpetuando assim a riqueza cultural.

Os Magüta, já haviam enfrentado vários e processos históricos problemas marcantes como à exploração da seringueira (*Hevea brasiliensis*) e o produto dela, a borracha durante esse esse período, eles empreendiam fugas para evitar serem subjugados pelos "padrões" locais (cori, tchoügü ou tomagü). Esses eventos resultaram na escravização dos Magüta, além do roubo de suas terras. As consequências dessa exploração levaram muitos Magüta a fugir em busca de preservação de sua cultura e liberdade. Salzano, Callegari Jacques e Neel (1979) explicam esse processo:

"Conforme descrito por Oliveira (1964), a expansão geográfica dos índios Magüta e seus encontros com os pioneiros não-índios nos séculos 18, 19 e início do século 20 levaram a duas situações distintas e contrastantes. Por um lado, os índios que habitavam os igarapés, que eram afluentes dos grandes rios, estavam sujeitos a um sistema de controle exercido pelos negociantes de borracha. Esse sistema tinha como base o recrutamento desses índios como força de trabalho para a extração de borracha. No entanto, o produto de seu trabalho raramente era suficiente para libertá-los da forte influência dos patrões. Quando a situação se tornava insustentável, muitos índios tentavam fugir, muitas vezes atravessando a fronteira com a Colômbia. Em outras ocasiões, movimentos messiânicos surgiam como uma forma de resistência a essa exploração". (Salzano *et. al.*, 1979, p. 517)

Esse foi apenas um dos problemas enfrentados. E não apenas esses problemas, conforme destacado por Coelho Pinto et al. (2019), as comunidades indígenas que residem nas ilhas já haviam enfrentado desafios significativos associados às enchentes fluviais, impactando diretamente suas condições de moradia e modos de vida. Além disso, a proximidade com as imediações da fronteira entre Peru e Colômbia adiciona uma camada de complexidade, resultando em deslocamentos devido a conflitos territoriais, evidenciando as interações intrincadas entre fatores ambientais e geopolíticos na dinâmica dessas comunidades. De acordo com a Unesco (2021), ocorreu uma epidemia de cólera no período compreendido entre 1991 e 1996, destacando a significativa extensão temporal e os impactos associados a essa crise de saúde. Essas são algumas adversidades que os Magüta desafiaram e enfrentaram durante em esses diversas período. Mesmo diante da pandemia de Covid-19, demonstraram resiliência ao lidar com as complexidades específicas, destacando sua capacidade de adaptação na busca pela sobrevivência. Essa experiência evidencia a tenacidade diante de obstáculos únicos.

Neste mesmo contexto, comentamos aqui mais detalhadamente o surgimento do grupo Magüta, investigando a mitologia de acordo com as descrições da Unesco (2021). Este estudo mitológico tem como objetivo proporcionar uma compreensão mais profunda das raízes culturais e históricas Magüta, abrangendo tanto o significado dos mitos, entretanto almejamos esclarecer como essas narrativas mitológicas exercem uma função central na preservação e desenvolvimento da identidade cultural do povo Magüta ao longo dos tempos. O surgimento dos Magüta foi;

“Segundo a mitologia, os Ticunas foram pescados por Yói, no Igarapé Ewaré, local sagrado para toda a comunidade indígena. Yói e seu irmão gêmeo, Ipi (Sic), são as duas referências-chaves da narrativa

que compõe o mito de origem do povo Ticuna. Esse mito de origem orienta toda a vida comunitária e persiste ao longo do tempo como referência simbólica da cosmovisão dos Ticunas". (Unesco, 2021, p. 23)

Segundo professores ticuna, (1985) o povo Magüta carrega essa história rica e única a Gênese, a existência do povo Magüta, e essa são intrinsecamente ligadas à sua narrativa ancestral, a lenda que envolve os Deuses (Ü'üncügü) Yo'i e Ipi, que emergem das águas vermelhas do igarapé (Eware), sendo pescados por seus heróis. É dessa mitologia que deriva o termo "Magüta". Esta narrativa ancestral é o alicerce de sua existência, estabelecendo que Ipi pescou os Magüta peruanos, contribuindo para sua disseminação no Peru na região amazônica, enquanto Yo'i permaneceu associado aos Magüta brasileiros, demarcando sua presença no território do Brasileiro¹⁵

Essa são um dos problemas enfrentados. E não apenas esses problemas, conforme destacado por Coelho Pinto et al. (2019), as comunidades indígenas que residem nas ilhas já haviam enfrentado desafios significativos associados às enchentes fluviais, impactando diretamente suas condições de moradia e modos de vida. Além disso, a proximidade com as imediações da fronteira entre Peru e Colômbia adiciona uma camada de complexidade, resultando em deslocamentos devido a conflitos territoriais, evidenciando as interações intrincadas entre fatores ambientais e geopolíticos na dinâmica dessas comunidades. De acordo com a UNESCO (2021), ocorreu uma epidemia de cólera no período compreendido entre 1991 e 1996, destacando a significativa extensão temporal e os impactos associados a essa crise de saúde. Essas são algumas adversidades que os Magüta desafiaram e enfrentaram durante em esses diversos períodos. Mesmo diante da pandemia de Covid-19, demonstraram resiliência ao lidar com as complexidades específicas, destacando sua capacidade de adaptação na busca pela sobrevivência. Essa experiência evidencia a tenacidade diante de obstáculos únicos.

Neste mesmo contexto, exploraremos o surgimento do grupo Magüta, investigando a mitologia de acordo com as descrições da UNESCO (2021). Este estudo mitológico tem como objetivo proporcionar uma compreensão mais profunda das raízes culturais e históricas Magüta, abrangendo tanto o significado dos mitos, entretanto almejamos esclarecer como essas narrativas mitológicas exercem uma função central na preservação e desenvolvimento da identidade cultural do povo Magüta ao longo dos tempos. O surgimento dos Magüta;

“Segundo a mitologia, os Ticunas foram pescados por Yóí, no Igarapé Ewaré, local sagrado para toda a comunidade indígena. Yóí e seu irmão gêmeo, Ipi, são as duas referências-chaves da narrativa que compõe o mito de origem do povo Ticuna. Esse mito de origem orienta toda a vida comunitária e persiste ao longo do tempo como referência simbólica da cosmovisão dos Ticunas”. UNESCO (2021, p. 23)

¹⁵ No livro intitulado "Torü Duü'ügü: Nosso Povo", é apresentado um contexto que explora a narrativa do "povo pescado por Yo'i". Esse livro explora as histórias e lendas que cercam o povo Magüta, investigando as origens e os detalhes da sua pescaria pelo Deus Yo'i e do seu Irmão Deus Ipi. A obra analisa de forma detalhada como essa ação de ser pescado se desenrolou, mergulhando nas profundezas das tradições e mitos do povo Magüta. Disponível em: Torü duü'ügü = nosso povo. | Acervo | ISA Ícone da Web global <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/toru-duuugu-nosso-povo> acesso 16 de ago 2023.

Segundo Professores Ticuna, (1985) os povos Magüta carrega essa história rica e única a Gênese, a existência do povo Magüta, e essa são intrinsecamente ligadas à sua narrativa ancestral, a lenda que envolve os Deuses (Ü'üncügü) Yo'i e Ipi, que emergem das águas vermelhas do igarapé (Eware), sendo pescados por seus heróis. É dessa mitologia que deriva o termo "Magüta". Esta narrativa ancestral é o alicerce de sua existência, estabelecendo que Ipi pescou os Magüta peruanos, contribuindo para sua disseminação no Peru na região amazônica, enquanto Yo'i permaneceu associado aos Magüta brasileiros, demarcando sua presença no território do Brasileiro¹⁶. Esses metade Magüta se dividem para viver na parte do Brasil, e Peru, cada uma com sua família e sua linguagem, sotaque diferente e cultura.

Yo'i, o Deus Ticuna, tudo o que ele pensava ou desejava se tornava real. Enchia a Terra de vida e de esperança, porém sentia falta da presença de outras famílias, já que somente convivia com seu pai Nhutapa, seu irmão Ipi e suas irmãs gêmeas Aiciüna e Mowacha. Ele e seus irmãos nasceram do joelho direito e esquerdo de seu pai porque a esposa de Nhutapa não gerava filhos, era estéril.

Houve nesse período um acontecimento histórico, o mundo vivia na escuridão por causa da enorme e densa samaumeira que o encobria. Para que houvesse o dia, Yo'i e Ipi decidiram derrubar essa árvore e convidaram todos os animais da floresta para ajudá-los, mas nem o pica pau conseguiu, só o quatipuruzinho Taine, isto porque, a sua recompensa seria o casamento com Aiciüna. Então, ele subiu até lá e conseguiu jogando formiga de fogo nos olhos a preguiça soltou o céu e a samaumeira caiu, e o tronco que ficou se regenerava muito rápido porque ela possuía um coração, Ipi tentou tira-lo com o machado, mas o coração pulou bem longe o qual foi pego pela borboleta, o calango e por fim foi parar com a cutia que saiu correndo e plantou sem conhecimento dos dois irmãos, mas Yo'i procurou e encontrou o caroço, levou e plantou no seu terreno. Com o tempo nasceu a árvore de umari e que a sua última fruta deu origem à mulher de Yo'i. A qual futuramente iria ter um filho de Ipi.

Quando a criança nasceu Yo'i chamou Ipi, para purificá-la pintando todo seu corpo com jenipapo. A tinta foi preparada de acordo com a orientação do seu irmão. Yo'i mandou ralar o jenipapo sem parar e acabou ralando o seu corpo junto o pulvil e a carne de Ipi misturou-se a borra do jenipapo. A mistura das sementes com o sangue a carne foi lançada ao rio Eware transformando-se em peixes que foram pesados pelo Yo'i que desejava povoar a terra e multiplicar com seres humanos para que o mundo ficasse mais alegre e completo. Depois que Ipi ralou-se foi jogado ao rio por techi arü Ngu'i, a mulher de Yo'i. Ela fez isso, mas logo ficou triste pensando nele e isso chateou profundamente Yo'i. Resolveu pescá-lo porque sabia que seu irmão havia se transformada em peixe. Foi então buscar a fruta de tucumã para usar como isca, mas com essa isca pescou toda espécie de animais e sempre vinham no anzol fêmea e macho, foi nesse processo que se origem dos animais, o desejo de Yo'i não foi completo e nem se sentia satisfeito ainda, pois era necessário ter a presença dos seres humanos, mas como iria conseguir pescar os humanos? Decidiu trocar a isca e experimentou pescar com macaxeira assim, ele conseguiu o que mais desejava. Tudo o que pescava se transformava em ser semelhante a ele, saíam andando ou correndo na terra.

Durante essa pescaria, Yo'i viu entre a piracema um peixe bem diferente com testa de ouro, queria pescar, porém o peixe não permitia, não mordida a isca que era jogada ao rio. Não conseguindo pescar pediu a Techí arü Ngu'i (fruta do Umari), a sua esposa que estava ao lado que o fizesse, entregou-lhe o anzol com a isca e só assim o peixe com um sinal de ouro na testa pulou fora da água em cima da terra e se transformou em gente, este homem pescado era Ipi irmão do Yo'i.

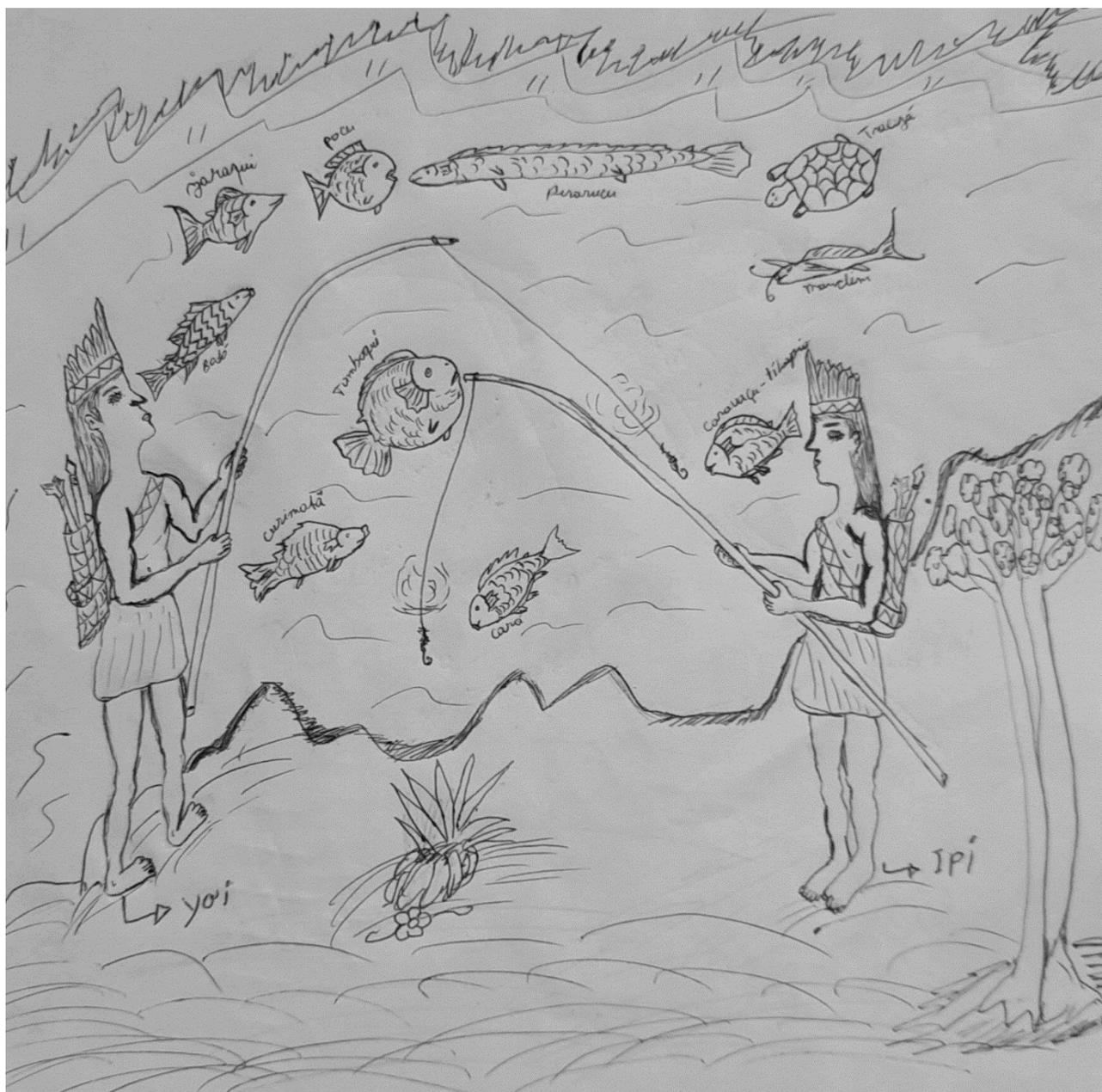
Todos os que foram pescados pelo Yo'i no rio Eware foram chamados de Ticuna ou Magüta. O Ipi viu que tudo isso que irmão fez era bom e fez também, pescando seu próprio povo, mas todos que pescava ia fazendo a filamento do nariz para diferenciar do outro povo. Daí pescou os peruanos e tentou seguir com eles para o nascente, mas como Yo'i sabia dessa intenção do irmão virou o mundo ao contrário confundindo Ipi que, ao invés de ir para o nascente ele foi para o poente onde havia muito ouro. E lá ficou controlando as águas do rio Amazonas para que não houvesse nem muita e nem pouca vazante. Yo'i deixou o povo Ticuna na terra sagrada do Eware e foi para nascente e assim seguiu em direção ao

¹⁶No livro intitulado "Torü Duü'ügü: Nosso Povo", é apresentado um contexto que explora a narrativa do "povo pescado por Yo'i". Esse livro explora as histórias e lendas que cercam o povo Magüta, investigando as origens e os detalhes da sua pescaria pelo Deus Yo'i e do seu Irmão Deus Ipi. A obra analisa de forma detalhada como essa ação de ser pescado se desenrolou, mergulhando nas profundezas das tradições e mitos do povo Magüta. Disponível em: Torü duü'ügü = nosso povo. | Acervo | ISA Ícone da Web global <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/toru-duuugu-nosso-povo> acesso 16 de ago 2023.

Paru onde até hoje o povo Ticuna espera por ele esperança que lhe traga ferramentas de agricultura e outros materiais que possam ajudá-los. (Pinto; Vasques; Bastos, 2019, p. 25-27).

Nesse contexto, Pinto et. al (2019), a narrativa mitológica ticuna retrata a interação dinâmica entre divindades, humanos e a natureza, destacando a busca contínua por companhia, a criação da humanidade através da pesca, e a esperança depositada na jornada de Yo'i em direção ao Paru¹⁷

Figura 2. Uma ilustração de Yo'i e Ipi pescando seu povo “Magüta” no rio.



Fonte: Ilustração da autora (Coelho, 2023).

¹⁷ O Paru significa conforme discutido por Pinto et al. (2019), nascente do Sol é um local sagrado na concepção Ticuna, onde Yo'i se dirigiu quando decidiu buscar os instrumentos de agricultura para seu povo, estabelecendo-o como um local de importância fundamental na cultura Ticuna.

Os Magüta receberam, de acordo a sua mitologia, origem e Motivação princípios, motivação e classificação dos Clãs: do seu Deus (Tupana /Ü'üncü). Segundo Nimuendaju, (1982) essa classificação dos clãs serve para organização social para saber com quem deve se casar, quem são as suas famílias, e não família. Gruber (1997, p.20) afirma que “A história conta que antigamente o povo de Yo'i estava todo misturado. Ninguém tinha nome e ninguém podia se casar. Então Yo'i preparou um caldo de jacarerana e deu um pouco para cada pessoa. Provando do caldo, a pessoa descobria a sua nação, clãs (Naca'ã). Depois disso, as pessoas começaram a se casar. Estes se dividem em duas partes de clãs, clãs de metade plantas e metade aves.

Todos os povos existentes no mundo têm uma forma de se organizarem para não haver problemas entre eles, cada grupo social se organiza da melhor forma para que possam viver em harmonia. O ticuna e um povo pescado no rio Eware. Quando foram pescados, cada par, homem e mulher, ficavam dispersos, conforme seu desejo tudo acontecia de bom e de ruim, a partir disso o Yo'i resolveu organizar o seu povo dando clã para cada um deles. Os dois irmãos resolveram procurar uma jacarerana (ngiri) e cortaram em pedaço e quando terminaram de cozinhar chamaram todos e cada um começou a provar o caldo. O primeiro que provou sentiu gosto de sangue (naiãca), este clã de onça; o segundo sentiu gosto de oleosidade e pegou o clã de mutum e o terceiro gosto de madeira estragada (ngauca), este pegou o clã de Avaí e assim outros foram pegando os clãs diferentes. Dessa forma, a organização do povo ticuna se originou através dos clãs, pois houve duas classes sociais, o primeiro grupo que surgiu foi "sem penas" e o segundo foi "com pena". Com essa organização de clãs foi resolvido o casamento entre os Ticuna, pois os ticuna de mesmo clã não podem se casarem entre si, como por exemplo: mutum com onça (com pena e sem pena) não há problema no casamento onça com Avaí (sem penas os dois) não podem se casarem, são considerados irmãos clánicos porque se acontecer isso podem ser perseguidos por sobrenaturais e podem ser mortos por cometerem incestos. Atualmente, segundo a pesquisa, existem treze clãs Ticuna, estando espalhados entre o povo tradicional, mas somente quando são convidados para festa de moça nova é que aparecem, isto porque as moças e rapazes se pintam conforme seus clãs de originalidade. Esta organização acontece para evitar problemas genealógicos. (Pinto; Vasques; Bastos, 2019, p.28).

Um dos rituais mais praticado no povo Magüta é a costume de fazer a festa de moça nova. Nessa pesquisa ao questionar os anciãos, porque é importante fazer a festa da moça nova, eles responderam; que ela é de uma simbologia muito importante e forte, entre elas, obedecer ao seus deus, Yo'i, a manter viva a seus costumes. Esse ritual da festa da moça nova acontece quando uma menina entra em menarca é chamada Worecü (moça nova). Esse ritual representa uma sociedade em autocuidado, algo da pureza de todo bem da comunidade, por essa razão os anciãos acostumam fazê-la. A moça que têm que passar por esse ritual¹⁸, precisam se resguardar por um período de 6 a 12 meses. Após esse período, quando chega o momento da festa, é comum colher jenipapos, que são utilizados como convites especiais. Esses convites são entregues a convidados especiais, inclusive da vizinhança do Peru e Colômbia. Durante essa festa de celebração da jovem, ocorre uma oportunidade para ela conhecer membros de outras comunidades, especialmente aqueles que pertencem a clãs vizinhos. Isso é feito através da pintura do rosto com jenipapo, um processo que também revela a afiliação clânica da pessoa. Nessa festa os convidados de comunidades vizinhas também estão presentes, e a pintura do rosto com jenipapo desempenha um papel crucial ao identificar os clãs aos quais pertencem os presentes, permitindo que os participantes reconheçam seus laços de parentesco e afiliação

¹⁸ O ritual é um dos seus costumes que fazem eles se unirem, entre família que vivem na outra comunidades e países como Peru e Colômbia, fortalecer um laço clánicas, e até fazer matrimonial da moça nova com um escolhidos dos pais, um Magüta mais forte já preparado para sustentar a família, que pode cuidar futuramente da comunidade, um líder (Toü). ; Disponível em: [Tribu Ticuna: Rituais e Costumes dos Ticuna \(grupoticunanaescola2016.blogspot.com\)](http://TribuTicuna:Rituais-e-Costumes-dos-Ticuna(grupoticunanaescola2016.blogspot.com)) acesso em 26 de agosto de 2023.

dentro das comunidades. Isso mostra a profundidade dos laços sociais, culturais e familiares que permeiam esse evento. De acordo com os resultados da minha pesquisa, e da minha experiência pessoal como protagonista “Worecü”¹⁹, destaca a intrincada rede de relações sociais que são essenciais para a compreensão, proteção e preservação da cultura.

E através desta festa de moça nova que o povo Magüta no atual revelam sua classificação dos clãs que são; divididos em dois grupos as "Plantas" com sem penas e "Aves" com penas. Nesse sistema, Segundo Marília Facó Soares, os clãs foram agrupados de acordo com categorias botânicas e zoológicas, ou seja, considerando características relacionadas a plantas e aves. Cada clã foi associado a um desses grupos, dependendo das suas características e atributos específicos. Depois de realizar essa classificação, houve uma orientação para que os membros dos dois grupos, os que foram classificados como "Plantas" e os que foram classificados como "Aves", se casassem entre si. Isso significa que havia um encorajamento para que pessoas de clãs diferentes dentro desses grupos específicos se casassem. Essa prática de casamento entre os grupos classificados como "Plantas" e "Aves" provavelmente tinha um significado cultural e espiritual importante para a comunidade, promovendo uma conexão entre essas categorias e os clãs específicos dentro delas. Essa organização e orientação fornecem valiosos sobre como a comunidade encara a classificação dos clãs e como isso se reflete nas práticas sociais e culturais, como os casamentos dentro desses grupos específicos. Isso demonstra como as crenças e a organização social estão interligadas.

Quando o não indígena utiliza o grafismo clânico no rosto denota, para o Ticuna, uma forma indevida, banal e desrespeitosa, exceto se for permitido. Porém, quando isso ocorre, eles categorizam como “ticunizar o branco”, como transcorreu com um missionário não indígena que recebeu um clã em um evento realizado pela igreja indígena Ticuna. Atos/Wipatükü, teólogo, antropólogo, pastor e responsável pelo tal ato, ao ser questionado por “parentes” do mesmo grupo social pela ação da pintura do clã no missionário e pela expressão “ticunizar o branco”, manifestou: “se homem branco fez isso na época colonial com povo indígena, porque não fazer isso com eles hoje” (Vasques, 2020, informação verbal). Essa atitude, por mais simples que seja, não deixa de ser uma demonstração de resistência. (Pinto, 2021, p. 112)

A pintura facial tem seu significado simbólico ligado aos clãs dentro da comunidade. Quando uma pessoa não indígena decide se casar com um membro da comunidade Magüta, ela tem a opção de adotar o clã, o que faz “ticunizar o não indígena”, como explicado por Pinto (2021). Essa escolha tem a finalidade de ser aceita e integrada na comunidade como um membro do grupo, estabelecendo uma conexão de irmandade com um determinado clã. Isso demonstra como as práticas culturais e os símbolos são usados para criar laços e pertencimento dentro da comunidade, mesmo quando pessoas de diferentes origens buscam fazer parte dessa

¹⁹ Porque é importante fazer festa (Yü’ü) da moça nova (Worecü) na cultura do povo Magüta? segundo na entrevista da mãe de autora que escreve, da própria autora que uma vez foi a protagonista de moça nova, a fim de evitar as possíveis repercussões e punições impostas pelas entidades sobrenaturais presentes na terra e na floresta, foi adotada uma abordagem preventiva e cautelosa. Isso se traduziu em práticas ritualísticas meticulosamente executadas, destinadas a garantir a harmonia entre os Magüta e os seres míticos que habitam seu ambiente. Essas medidas preventivas serviram como salvaguardas contra possíveis consequências negativas que poderiam surgir devido a ações inadvertidas ou desrespeitosas em relação às forças espirituais da terra e da floresta. Essa estratégia de prevenção destacou a profunda compreensão cultural dos Magüta em relação ao seu ambiente e a necessidade de manter um equilíbrio delicado com os elementos míticos que o habitam.

cultura. Essa dinâmica reflete a importância das tradições e da aceitação mútua na formação das relações sociais dentro da comunidade Magüta.

Nimuendajú (1952) descreve a organização social da tribo Magüta, destacando a divisão em metades ou *moiety* (em plural, *moiety* em singular, como o conceito etnográfico e conhecido em inglês) A e B e cerca de trinta clãs. A descendência é patrilinear, e os membros de diferentes clãs, mas da mesma moiedade, se referem reciprocamente como "ma'ine" (irmão) no contexto vocativo. Apesar de serem reconhecidos como um povo homogêneo e distinto em diferentes países, como Peru, Colômbia e Brasil, os Magüta não possuem coesão política. Nimuendajú observa um sentimento de solidariedade entre os membros do clã, estendendo-se a todos os clãs da mesma moiedade. Ele destaca que, em situações desprovidas de outras considerações, os indígenas tendem a se alinhar automaticamente aos membros de seus clãs ou metades, embora não haja uma obrigação moral explícita de fazê-lo. Dos clãs mencionados na metade A, Nimuendajú destaca que doze têm nomes de árvores, dois têm nomes de insetos e um tem o nome de um mamífero. No entanto, não fica claro na descrição se os nomes específicos dos clãs são mencionados. No entanto atualmente esses trinta clãs já não se encontram no meio, meio e práticas de identificação e diferenciação social do povo Magüta, hoje se encontram apenas 14 clãs que se fortalecem.

Nimuendajú, que esteve entre os Ticuna no fim dos anos 20 (1982[1929]) e no começo dos anos 40 (1952), fala em aproximadamente trinta clãs no Brasil, mas afirma também que podem existir mais variedades no Peru e Colômbia. Goulard (2009: 100-101) faz um balanço de seu levantamento dos clãs em campo, junto com o Nimuendaju (1952), Oliveira Filho (1988) e os clãs que constam nos mitos. Ele apresenta um total de 50 clãs, distribuídos entre 29 da metade “com penas” e 21 da metade “sem penas”. Em geral, as metades exogâmicas não são reconhecidas terminologicamente pelos ticuna. Contudo, como também destaca Gruber (1999), é possível distinguir, nos termos ticuna, as duas metades, “com pena” (ãtchiü) e “sem pena” (ngetchiü). Estes termos, no entanto, são de importância menor para o modelo nativo do sistema de casamento. Muito provavelmente foram criados por uma demanda do etnógrafo. Desta maneira, fica claro que o modelo nativo não é pensado como um sistema de metades trocadoras, mas sim, como pretendo mostrar em minha análise, como um sistema de pares ou trios de clãs exogâmicos trocadores de cônjuges. (Matarezio Filho, 2017, p. 83)

A organização magüta de clãs se baseia-se na necessidade dos povos de preservar suas linhagens, garantindo assim a segurança e a coesão da comunidade para enfrentar desafios futuros. Isso se relaciona diretamente com a capacidade de se reunir quando necessário e de manter a saúde e a força da comunidade como um todo. A figura abaixo representa várias pinturas faciais que são associadas a diferentes plantas e aves, cada uma simbolizando a pertença a um clã específico. Através dessas pinturas faciais, a simbologia é expressa visualmente, vinculando a identidade de cada indivíduo ao clã ao qual pertence. Essa prática contribui para a coesão social e cultural da comunidade, permitindo que cada membro compreenda sua conexão com uma linhagem específica e a importância de preservar essa ligação ao longo do tempo. Isso garante a continuidade das tradições, conhecimentos e vínculos dentro da comunidade Magüta. Na ilustração abaixo podemos observar as que tem por clãs.

Figura 3. Classificação dos clãs



Fonte: Ilustração confeccionada por Elias Ticuna (2020). Fonte: Maria Auxiliadora Pinto, 2020. Recuperado em: 26 agosto de 2023

Fotografia 1: Na cerimônia de casamento dos Magüta, a união requer a pertinência a clãs diferentes, como evidenciado pela imagem, com a mulher do Clã Buriti, sem pena, e o marido do Clã de Arara, com penas.



Fonte: Internet, na cerimonia no dia 11 de fevereiro de 2020.

O mito, conforme destacado Mircea Eliade (1992), relata eventos sagrados ocorridos no tempo primordial, revelando a criação de realidades por meio das façanhas dos entes sobrenaturais. Esses seres, conhecidos por suas ações prestigiosas nos "primórdios," desencadeiam irrupções dramáticas do sagrado no mundo, moldando-o fundamentalmente. Eliade (ob. cit. 2) ressalta que os mitos descrevem a atividade criadora desses entes, desvendando a sacralidade de suas obras, e são fundamentais para compreender a condição atual do homem como um ser mortal, sexuado e cultural. O mito, de acordo com Overing (1995), é o gênero que revela a cosmologia indígena, sendo o meio pelo qual os postulados sobre o universo são expressos e explicados. Isso é essencial não apenas porque os mitos oferecem uma explicação do mundo e da existência do indivíduo nele, mas principalmente porque, ao lembrar e reatualizar os mitos, a pessoa é capaz de repetir as ações dos deuses, heróis ou ancestrais desde o princípio. Conhecer os mitos é, assim, aprender o segredo da origem das coisas, não apenas compreendendo como elas vieram à existência, mas também sabendo onde encontrá-las e como fazê-las reaparecer quando desaparecem (*Ibidem*). Essas observações preliminares indicam alguns aspectos característicos do mito. De maneira geral, o mito, como vivido pelas sociedades indígenas, envolve os seguintes elementos:

- História dos Atos dos Entes Sobrenaturais: O mito constitui a narrativa dos feitos dos Entes Sobrenaturais.
- Verdade e sacralidade: A história do mito é considerada absolutamente verdadeira, pois se refere à realidade, e sagrada, pois é a obra dos Entes Sobrenaturais.
- Referência à criação: O mito sempre se refere a uma "criação", narrando como algo veio à existência, seja um padrão de comportamento, uma instituição ou uma maneira de trabalhar. Os mitos são paradigmas para todos os atos humanos significativos.
- Conhecimento da Origem das Coisas: Conhecer o mito significa conhecer a "origem" das coisas, permitindo dominá-las e manipulá-las à vontade. Esse conhecimento não é apenas externo e abstrato, mas é vivido ritualmente, seja por meio da narrativa cerimonial do mito ou pela realização do ritual ao qual ele serve de justificação.
- Vivência do mito: De uma maneira ou de outra, o mito é vivido, no sentido de que as pessoas se impregnam pelo sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados.
- Esses pontos destacam a importância do mito nas sociedades indígenas, não apenas como uma narrativa, mas como uma força viva que orienta a compreensão do mundo e a ação ritualizada das comunidades (Adaptado de Eliade, ob. Cit).

O casamento exógamo entre membros de diferentes grupos ou clãs, neste caso, das metades, tem a seguinte explicação:

A tenacidade com que os Tukuna respeitam suas leis de exogamia até os dias de hoje, sua liquidação implacável do transgressor e a completa incompreensão disso pelos Neobrasileiros, inclusive pelos padres, são os obstáculos mais sérios para a promiscuidade franca com a população Neobrasileira e, ao impedir tal promiscuidade, contribuem eficientemente para a preservação da tribo. Os Tukuna consideram os civilizados, entre os quais o incesto não é incomum, com certo desprezo, não apenas por

causa do preconceito indígena, mas também porque a lei brasileira proíbe o incesto, mesmo que não atribuam grande importância à própria lei. Um padre que eventualmente concede dispensa para o casamento de um homem com a filha do próprio irmão perde o respeito dos indígenas, embora o casamento de um homem com a filha de sua irmã seja uma questão diferente. (Nimuedaju, 1952, p. 61)

Por isso significa que os Magüta tradicionalmente buscavam parceiros fora de seu próprio grupo ou clã. Esta prática tinha implicações importantes para a estrutura social e as relações dentro da comunidade. Atualmente, essa exogamia para menórias esse significado de buscar parceiros fora do grupo de clã. Segundo na minha pesquisa, as maiorias dos jovens nas atualidades afirmam que o que os velhos ensinam, os mitos, pertencem antiguidade e tempos passados. Como afirma “Matarezio Filho (2015, p.102), a noção ticuna do que é um mito pode ser sintetizada na seguinte fórmula: “Assim é o que os velhos contam [nhatagü’ün ga yaguãta ga nüti ugü]”. Esta fórmula aparece durante as narrações, com mais frequência ao final da narração de um mito. Portanto, um mito para os Ticuna não é uma verdade que fundamenta as ações do presente – ou uma mentira, como supõe geralmente nosso senso comum – é uma história contada pelos velhos, pelos antigos. Contudo, estas histórias têm uma grande influência sobre o mundo atual.”

O povo Magüta, com o passar do tempo, percebeu o que havia de forte cultura cosmovisão; sentiam medo de ser comido pelos monstros se casar-se com uma pessoa das mesma classificação clânica. Porém, na atualidade já deixaram de acreditar de serem mortos ou comidos pelos monstros se escolher-se de casar-se com a pessoa do mesmo. Então eles acreditam que essas histórias não são consideradas como regras estritas para a vida cotidiana, elas exercem influência sobre a forma como os Magüta percebem o mundo, sua história e suas crenças. Uma vez que uma indígena é dominada pela outra cultura, ou seja, são influenciados pelos não indígenas, eles deixam de acreditar na suas culturas, deixam suas práticas e seus costumes, como por exemplo;

Assim como o cacique dos San Blas expressou preocupação com as mudanças rápidas em sua comunidade devido à influência de agentes externos, como professores, missionários e políticos, os Magüta também enfrentam desafios semelhantes. A chegada de influências externas pode afetar a maneira como os jovens se relacionam com suas tradições culturais. Os Magüta estão passando por um processo de adaptação e transformação cultural à medida que interagem com a sociedade moderna, o que pode influenciar o modo como suas tradições são transmitidas às gerações mais jovens. (Nida et al., 1996).

Como observamos anteriormente clã possui nomes próprios e pinturas características que os distinguem nos dias de festa, é uma prática importante que contribui para a coesão social e a preservação das tradições. É interessante observar que, mesma em uma organização política mais fragmentada e com pouca comunicação entre os diferentes bandos magüta, os clãs ainda desempenham um papel central na vida cultural. Esse sistema de clãs e suas práticas relacionadas são enraizados na identidade magüta e são preservados como parte essencial de sua cultura, apesar das mudanças sociais e da influência externa. O papel dos mitos e dos clãs na sociedade magüta, mostram como esses elementos são fundamentais para a compreensão de sua cultura e organização social.

No relativo a organização política do Magüta é evidenciado pelo fato de que as lideranças To'ü²⁰ e Yuücü²¹, de acordo com a Marília Facó Soares, que tinham funções específicas, não exerciam apenas chefia na guerra, mas também desempenhavam papéis significativos em outras atividades cotidianas. To'ü, por exemplo, era um líder militar e protetor da nação, com uma força tão grande que sua participação em atividades comuns, como agricultura e pesca, era restrita, devido à sua força imensa. Ele era responsável por liderar em situações de ataque e defesa, além de ser um símbolo de força e proteção. Isso evidencia como a sua atuação não se limitava à guerra, mas se estendia a outras interações com diferentes nações. Por outro lado, Yuücü era a figura equivalente ao feiticeiro ou xamã.

No texto de Matarezio Tosta, (2019) sobre os Ticuna, o termo "Yu'ükü" refere-se ao papel do xamã ou pajé em sua cultura. Goulard (2009) descreve que essa palavra está relacionada aos espíritos assistentes do xamã, indicando um conhecimento ou propriedade sobre uma espécie específica, seja ela uma planta, animal ou ser espiritual. O sufixo "_kü" sugere um domínio ou conhecimento sobre esses espíritos, implicando que o pajé é o detentor ou conhecedor dessas entidades. É interessante notar que, embora o termo "Yu'ükü" seja frequentemente traduzido como "oração", essa tradução pode ser inadequada, já que não se refere a uma recitação de palavras, como em contextos religiosos cristãos. Em vez disso, "yu'ü" envolve um tipo de conhecimento que é transmitido de um pajé experiente para um aprendiz. Esse conhecimento é frequentemente incorporado em uma substância, como a bebida "pajauaru" ou outras substâncias, como o caldo de "pajauaru" ou a cachaça. O aprendiz consome essa mistura, absorvendo assim o conhecimento do pajé e internalizando-o. Portanto, "yu'ü" não se limita apenas ao conhecimento verbal, mas também é uma experiência física e espiritual. É um elemento fundamental na formação de um xamã magüta e é transmitido por meio da ingestão da "pajelança" de um pajé mais experiente. Esse processo destaca a complexidade e singularidade do conhecimento xamânico na cultura magüta. Indica também um conhecimento e uma propriedade sobre espécies específicas, como plantas, animais ou seres espirituais, com a terminação "_kü" sugerindo um domínio sobre esses espíritos.

²⁰ No contexto cultural dos povos Magüta, o papel do "Yuücü", que hoje em dia é designado como "feiticeiro" (ou "ngi'etacü" para o termo xamã), é notadamente distinto daquele do "tó-ü". Enquanto o "tó-ü" desempenha um papel mais público e identitário na comunidade, o "yuücü" exerce funções de natureza mais privada e pessoal. Não mantém uma ligação tão profunda com o grupo como o "tó-ü". Adicionalmente, é importante notar que dentro de uma mesma nação podem coexistir vários xamãs ou feiticeiros. Cada um destes indivíduos detém um nível variável de prestígio e é atribuído graus distintos de eficácia nas suas práticas. A presença de múltiplos xamãs ou feiticeiros demonstra a complexidade das crenças e práticas espirituais, variando a sua influência e capacidade entre as diferentes pessoas e situações dentro do povo Magüta. Isso evidencia a riqueza e diversidade das funções xamânicas e rituais na sociedade. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna?printable=yes>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

²¹ No contexto cultural dos povos Magüta, o papel do "Yuücü", que hoje em dia é designado como "feiticeiro" (ou "ngi'etacü" para o termo xamã), é notadamente distinto daquele do "tó-ü". Enquanto o "tó-ü" desempenha um papel mais público e identitário na comunidade, o "yuücü" exerce funções de natureza mais privada e pessoal. Não mantém uma ligação tão profunda com o grupo como o "tó-ü". Adicionalmente, é importante notar que dentro de uma mesma nação podem coexistir vários xamãs ou feiticeiros. Cada um destes indivíduos detém um nível variável de prestígio e é atribuído graus distintos de eficácia nas suas práticas. A presença de múltiplos xamãs ou feiticeiros demonstra a complexidade das crenças e práticas espirituais, variando a sua influência e capacidade entre as diferentes pessoas e situações dentro do povo Magüta. Isso evidencia a riqueza e diversidade das funções xamânicas e rituais na sociedade. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna?printable=yes>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

Yuüicü, o xamã nessa seguinte contextualização aparece como acompanhante e proteção de moça nova (Worecü) durante na sua festa e de purificação de corpo antes de descer no rio. Juntamente com os demais anciãos as conduzem para tomar um banho no rio. Se a moça é especialmente honrada na festa, ela é carregada em um grande escudo de tururi, associado ao pai-do-vento, O'ma. Isso simboliza a purificação da moça, levando embora as impurezas de seu período de resguardo, que pode ter durado meses. Todos os objetos usados na festa também são descartados no rio. Antigamente, acredita-se que esses objetos eram considerados sagrados e, após serem descartados, transformavam-se em seres vivos que habitavam o rio.

É importante destacar que há regras e rituais específicos associados a esse processo. O banho das moças no rio, por exemplo, é precedido pela realização de magia pelo yuüicü o xamã. Além disso, ninguém pode tomar banho ou jogar objetos no rio antes da realização da última consagração. Isso ilustra a importância dos mitos, rituais e práticas tradicionais nas culturas magüta, bem como para mostrar como a organização política e as funções de liderança se entrelaçam com a vida cotidiana e os rituais cerimoniais. Segundo os anciões Magüta os objetos sagrados usadas durante a festa da moça nova, são transformados em seres vivos do rio, enfatizando a interconexão entre a cultura e o ambiente natural.

Fotografia 2: As Moças e uma criança finalizando sua festa, Aldeia Bom Caminho-AM (ritual)



Fonte: Imagem frontal 1. As moças e uma criança sentada num tapete, esperando a ser levado para o rio. Arquivo pessoal de Darcilene Souza; Domingo, 3 de janeiro de 2021.

Fotografia 3: Moça nova (Worecü) é levado pelo rio, Aldeia Bom Caminho-AM (ritual)



Fonte: Imagem 2 frontal e versos. 1, 2 e 3 As moças e uma criança pronto para tirar toda impureza do corpo e jogar a casa da moça o (Turi) e todos os desnecessários instrumentos no rio. Nekinha Coelho; 3 de janeiro de 2021

Fotografia 4: O Yuücü e a moça nova no rio Alto Solimões- AM, O feiticeiro (Yuücü) apresentando nestas duas imagens abaixo; fazendo seu trabalho de proteção.



Fonte: Imagem em perfil 3. 1e 2 Yuücü e a moça nova; fonte: Nekinha; Dom, 3 de janeiro de 2021

Dessa forma o Yuücü protege a moça antes de ir a tomar banho, com espírito, o feiticeiro faz um espanto dos espíritos malignos, e coloca a flecha para poder dar uma volta para finalizar a sua festa. Esse são uma demonstração do conhecimento do Yuücü de cuida do seu povo. Nida et al. (1996) discutem como os mitos são narrativas que, ao longo do tempo, evoluem de eventos reais para significados místicos e religiosos, refletindo conceitos essenciais sobre o mundo e poderes espirituais. Este entendimento ressalta a relevância

das narrativas míticas para a compreensão das culturas e de suas visões de mundo. Similarmente, na cultura Magüta, os mitos desempenham um papel fundamental na formação de crenças e práticas religiosas, incluindo rituais como o da 'moça nova'. A realização desse ritual possui um significado comunitário muito importante. Acredita-se que, se a festa não for realizada, especialmente para as moças, elas podem ficar vulneráveis a ataques de monstros ou seres malévolos. Essa crença se baseia na ideia de que, se as moças ficarem sozinhas, podem ser alvo desses seres e ficarem doentes ou até mesmo serem prejudicadas. Essa crença também afeta a família e até a comunidade como um todo.

As moças atraem 'bichos' (ngo'ó) e 'encantados' (ü'üne) com o cheiro da menstruação. Essa atração não é rechaçada pelos Ticuna. Ao contrário, a Festa da Moça Nova é uma maneira de fazer com que essa atração se torne benéfica para a comunidade. Mas há diferenças na atração desses dois tipos de seres distintos, 'bichos' e 'encantados'. A proximidade desses últimos é algo desejado pelas pessoas. Já a atração dos 'bichos' deve acontecer de maneira controlada pelo ritual. Caso contrário, pode ocorrer o rapto e a morte da moça. (Matarezio Filho, 2020, p.2)

Aqui, concluímos nossa exploração de sua localização dos Magüta brasileiros, e das características fundamentais de sua locação geográfica, população, seus mitos e suas práticas ressaltando especialmente o significado duradouro e a importância dessas narrativas dentro da comunidade. A discussão abordou diversos tópicos relacionados a esses mitos, com foco central na prática do "clânico". Vários enfoques e contextos de estudo apresentados por autores anteriores foram incorporados, incluindo análises dos "clânicos" e a epopeia de Yo'i e sua pescaria no igarapé Eware o rio Vermelho.

3 CAPÍTULO II

3.1 A CHEGADA DA COVID-19, SUAS IMPLICAÇÕES E A RESPOSTA DA COMUNIDADE

A disseminação do Covid-19 na comunidade, Magüta foi atribuída a um indivíduo estrangeiro, de nacionalidade peruana, que não havia comunicado seu estado de saúde. Consequentemente, vários membros da comunidade foram infectados, resultando em uma série de famílias contaminadas, de acordo com o relato de Basto (2022)²²

Algumas delas experimentaram apenas sintomas leves. No entanto, esse episódio representou um desafio significativo para a comunidade. Em resposta a essa situação, foi implementada uma barreira sanitária com o objetivo de conter a propagação do vírus e evitar novas infecções.

Essa medida teve impactos tanto positivos quanto negativos. Por um lado, contribuiu para prevenir a propagação do vírus, protegendo os habitantes da comunidade. Por outro lado, as restrições resultaram em perdas econômicas consideráveis. Como interrompeu a rotina das pessoas, afetando sua capacidade de pescar,

²² Isaque Basto é um líder, que foi cacique da comunidade de Filadélfia do 2019 até 2023. Além de ser Ex-cacique, trabalho com a SESAI como enfermeiro.

se movimentar, ganhar a vida e comprar itens essenciais. As escolas indígenas foram fechadas, foram afetada pela necessidade de suspender as aulas, impactando especialmente os estudantes, e a interação social foi limitada para evitar a propagação da doença. Mães que amamentavam enfrentaram desafios significativos, pois não podiam se afastar de seus filhos.

Para muitos membros da comunidade magüta, que dependem em grande parte de programas de assistência social e da Bolsa Família, a ajuda financeira nem sempre foi suficiente para garantir uma nutrição adequada e atender às despesas cotidianas, especialmente para famílias numerosas. A proibição da entrada de estrangeiros na aldeia foi uma medida adotada para evitar a contaminação do vírus.

Em face da atual situação da pandemia de Covid-19, é relevante destacar que a comunidade magüta já enfrentou desafios semelhantes em seu passado. Segundo os relatos dos entrevistados, a comunidade foi duramente afetada, resultando em perdas significativas, incluindo a perda de vidas não apenas devido à doença, mas também devido à escassez de alimentos. Essa adversidade remete a um período em que o povo Magüta não tinha conhecimento do Deus dos judeus, mas sim reverenciava divindades locais como "Yuücü" e "Yo'i", além de confiar nas propriedades curativas das plantas medicinais. Por meio de resiliência e recursos limitados, a maioria dos membros conseguiu sobreviver a essas tragédias de saúde e escassez de alimentos, e essa história parecia se repetir, como não apenas os indígenas foram atingidos no passado com epidemias diferentes, mais toda humanidade. Conforme mencionado:

Há inúmeras passagens na literatura brasileira sobre epidemias, especialmente a febre amarela, a varíola, a gripe espanhola e, mais recentemente HIV-Aids, seja como pano de fundo e contexto, seja quase como um personagem. De Machado de Assis a Caio Fernando de Abreu, passando por João do Rio, Erico Verissimo e Pedro Nava, entre muitos outros, epidemias e pandemias estão presentes nas várias expressões da cultura brasileira e latino- -americana. Resultam de experiências que, ao mesmo tempo, são individuais e coletivas, subjetivas e realistas, singulares e universais que têm sido crescentemente escrutinadas por historiadores e historiadoras, especialmente diante da mesma perplexidade produzida pela pandemia de COVID-19. (Hochman; Birn, 2021, p. 578)

A pandemia da Covid-19 provocou apreensão generalizada nas comunidades, inicialmente deixando seus membros perplexos sobre como enfrentar essa situação de extrema precariedade. O impacto da doença foi avassalador e alarmante para todas as populações afetadas, incluindo a comunidade em questão.

À medida que o tempo avançava, muitos dias transcorreram desde o início da pandemia, mas a comunidade permaneceu isolada. A circulação de pessoas para a compra de alimentos ou para o comércio estava restrita, com bloqueios tanto nas vias terrestres como fluviais, controlados pelas autoridades policiais federais. Essa situação criou sérios desafios para os membros da comunidade, especialmente aqueles que dependiam da pesca para sua subsistência. Com os recursos esgotados e a manifestação dos sintomas da Covid-19, alguns enfrentaram a fome em conjunto com a doença, uma situação de extrema adversidade.

Foi notável que, durante esse período crítico, a comunidade enfrentou as dificuldades com resiliência e apoio mútuo. Aqueles que mantinham sua fé em Deus, bem como aqueles em melhores condições, uniram forças para encontrar soluções. Muitos se dedicaram a procurar ervas medicinais e recursos naturais disponíveis,

utilizando tudo o que estava ao seu alcance para amenizar a situação. Essas ações demonstraram o espírito solidário da comunidade, destacando que, embora enfrentando a carência e a doença, os membros permaneceram unidos em seu esforço para enfrentar a pandemia de Covid-19.

A Comunidade Filadelfia torna-se cristã, e de acordo com os princípios do seu modo de ser religioso atual, que combina a sua tradição cultural magüta com o cristianismo (com a continuidade de valores relacionados) valoriza a solidariedade e o apoio mútuo. Apesar de enfrentarem desafios significativos, como a pandemia de Covid-19, eles permanecem unidos como uma família em clãs. Seu modo de vida é caracterizado pela coragem, e eles não hesitam em enfrentar situações perigosas, como a pandemia, para ajudar seus semelhantes. Quando um membro da comunidade é infectado, os Magüta demonstram um profundo amor fraternal, utilizando suas práticas com plantas medicinais para tentar aliviar o sofrimento da pessoa enferma. Se o tratamento não surtir efeito, eles entregam a situação nas mãos de Deus e pedem por um milagre na recuperação de seu irmão ou irmã. Se a cura não acontece, acreditam que isso está de acordo com a vontade divina. Essa perspectiva ressalta a importância da união e solidariedade dentro da comunidade magüta, mesmo diante de desafios tão complexos quanto a pandemia.

Apesar das medidas complexas implementadas, o Ex-Cacique da comunidade viu-se compelido a solicitar permissão ao prefeito do Município para que os membros da comunidade pudessem adquirir os alimentos necessários. Nesse cenário, um indivíduo específico encarregava-se de fazer as compras em nome dos demais, e para isso, os membros entregavam-lhe o dinheiro para aquisição dos produtos. A logística envolvia o uso de um veículo disponibilizado pelo Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI) e exigia medidas de proteção, como o uso de máscaras, álcool e gel.

O prefeito David Bemerguy, quem também foi Cacique da comunidade, tomou a decisão de fechar a ponte em resposta a um decreto emitido pelo governador do Estado de Amazonas, que também contou com o respaldo das autoridades estaduais e federais brasileiras, bem como dos municípios vizinhos de Benjamin Constant e Tabatinga, no estado do Amazonas. Essa medida visava proibir a circulação de pessoas a fim de conter a disseminação do vírus.

Figura 4: Figura mostrando a ponte de comunidade indígena de Filadelfia, pertence aos municípios de Benjamin Constant, no Estado de Amazonas, Brasil.



Fonte: Imagem Ponte Filadélfia, ponte de madeira; foto Nekinha Coelho; quarta-feira 21 de abril de 2021.

Figura 5: Os pontos marcados com amarelo é a ponte e porto e o centro da Comunidade Indígena de Filadélfia e Benjamin Constant, no rio Alto Solimões, Estado de Amazonas, Brasil.



Fonte: google, 2023, 21 de set. <https://www.google.com/maps/search/Filad%C3%A9lfia+-+AM/@-4.3822293,-69.9988597,3140m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>

Figura 6: Terra Indígena Magüta de Santo Antônio



Fonte: Google, 2023, 21 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/search/Filad%C3%A9lfia+-+AM/@-4.3822293,-69.9988597,3140m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>

Em 15 de abril de 1986, o governo Federal através da Fundação Nacional do Índio-FUNAI reconheceu em decreto de n 92.556 a área de Santo Antônio como área tradicional e permanente dos Ticuna (Pinto; Vasques; Bastos, 2019, p.20).

A comunidade conseguiu acesso às vacinas posteriormente, com o auxílio do SESAI, que colaborou na campanha de vacinação. Os indígenas foram priorizados na vacinação, recebendo a primeira dose antes dos não indígenas de Municípios de Benjamin Constant. Nesse período, os indígenas ainda não estavam totalmente protegidos, continuando a usar práticas tradicionais, como o uso de plantas medicinais, banhos de folhas, defumação e chás de ervas para manter sua saúde, usando cera de abelha preta, um método específico para esse fim, também folhas de Limão, Alho, Gengibre, Mucura. Usaram também as máscaras e álcool e geral, em geral, o que eles puderam, como queimação de casa de vespas para defumar toda comunidade, cada um buscando uma estratégia para enfrentar o Covid-19 Também foram usadas; a formiga preta, folhas de pirarucú (De'tchiatü), conforme indicou o professor Liverino Haydes, um membro da comunidade, adquiriu o conhecimento de remédios tradicionais por meio de uma transmissão ancestral. Esse conhecimento, passado de geração em geração, desempenhou um papel crucial na prevenção do Covid-19 e na recuperação da saúde do prefeito David Bemerguy, defumando-o com diversas folhas de plantas medicinais na comunidade Filadélfia na casa de reunião, o professor Liverino é como um amigo de prefeito de Benjamin Constant, um político, um dia já tentou ser vereador magüta.

Para fazer o chá de folhas de pirarucu, são necessárias de 2 a 5 folhas, dependendo da quantidade de pessoas a serem tratadas. As folhas devem ser lavadas e trituradas em conjunto com meio copo de água, formando uma mistura espessa que é administrada à pessoa enferma. Recomenda-se o consumo do chá pela manhã, com intervalos de aproximadamente 20 minutos, repetindo a dose até a pessoa se recuperar. Esse remédio é indicado para tratar sintomas como peito seco e bronquite, sendo utilizado por até 5 vezes ao dia, dependendo da gravidade da doença.

Outro remédio utilizado é o chá de mel puro do mato, combinado com alhos cozidos. Para preparar esse chá, são necessárias 2 colheres de sopa de mel e alhos cozidos em quantidade suficiente. Recomenda-se administrar esse chá três vezes ao dia, utilizando uma colher a cada administração. O tratamento com esse remédio deve ser realizado por cinco dias.

Além disso, o professor Liverino Aydes aprendeu com seu avô Francisco L. sobre o uso da cera de abelha preta (Dowatchiau) para defumação. Esse método envolve queimar a cera de abelha em um local e permitir que a pessoa respire lentamente o vapor liberado. Essa prática é realizada três vezes ao dia, durante cinco dias consecutivos. A cera de abelha preta é considerada benéfica para a defumação e ajuda a aliviar sintomas e, especialmente febre.

No contexto da pandemia, as pessoas foram orientadas a permanecerem em casa durante pelo menos quinze dias, evitando exposição ao sol, chuva e sereno, e utilizando água morna com chás de folhas medicinais

para os banhos. Após vinte dias, se a pessoa se sentisse recuperada, poderia retomar suas atividades diárias, como ir ao trabalho ou à roça. (Entrevista ao professor Liverino Haydes, (2022). [Entrevista via vídeo chamada]).

Dessa forma, a comunidade de Filadélfia magüta demonstrou sua capacidade durante a pandemia da Covid-19. Ela adotou essas medidas preventivas para reduzir o risco de contágio pelo vírus. Com a autorização da Secretaria Municipal da Saúde, foi realizada a interdição da comunidade e a implantação de barreira no igarapé que dá acesso à cidade de Benjamin Constant.

Foi estabelecida uma placa na ponte para sinalizar a proibição de entrada de estrangeiros na área indígena. Para garantir a segurança e cumprimento das medidas sanitárias, foram designados seguranças e profissionais da área da saúde, como enfermeiros e agentes do SESAI. Com o apoio da Guarda Civil, foram adotadas ações para garantir o cumprimento das medidas e evitar a propagação da doença. Essas medidas preventivas foram eficazes, resultando em apenas quatro óbitos na comunidade, sendo que um dos falecidos já apresentava problemas de saúde anteriormente.

4. CAPÍTULO III

4.1 USO DE PLANTAS MEDICINAIS

Durante a pandemia, os indígenas Magüta enfrentaram desafios assustadores, na busca por sua sobrevivência. Em um momento especial, recorreram às plantas medicinais cultivadas em seus terreiros e às que coletaram na mata. Enquanto os especialistas estudavam tratamentos contra a Covid-19, os magüta da região do alto Solimões do tríplex fronteira no sul da Amazona, optaram por métodos remédio tradicionais de sobrevivência. Nesse contexto, diversas plantas medicinais populares emergiram como alternativas para prevenção e tratamento da doença, frequentemente recomendadas por amigos e familiares.

Os produtos naturais, incluindo alimentos, especiarias, plantas medicinais, produtos marinhos e produtos biotecnológicos são utilizados desde a antiguidade pelos povos do mundo inteiro para tratar diversas doenças incluindo doenças virais, além de serem os principais agentes bioativos percussores dos medicamentos e vacinas (SILVA et al., 2020). Deste modo durante a pandemia do Covid-19 surgiu no meio popular diversas plantas medicinais utilizadas para prevenção e cura da doença, segundo De Carvalho (2020) essas plantas medicinais, normalmente são utilizadas após a indicação de amigos e familiares. Elas podem ser usadas frescas, logo após a coleta, ou então secas, dependendo da espécie e de como ela deve ser preparada (MORAES et al., 2020; NEDOPETALSKI e KRUPK, 2020). A etnobotânica é a ciência interdisciplinar que aborda a relação que o ser humano possui com as plantas, a sua significação cultural e o manejo com os elementos da flora (CABALLERO, 1979). (PASA et al., 2022, p. 3)

A rotina e a mobilidade das pessoas em locais públicos foram drasticamente alteradas, e o aumento das infecções e das mortes gerou um clima de alerta, ansiedade e medo entre a população. Nesse contexto, a quarentena e o isolamento social se tornaram medidas prioritárias de proteção. A comunidade local enfrentou

diversas adversidades, e as pessoas buscaram refúgio na floresta, que se transformou em um importante laboratório medicinal. Lá, foram coletadas plantas com propriedades medicinais para prevenir a infecção e tratar a doença entre o povo indígena. Para compreender plenamente o sofrimento enfrentado pelos povos indígenas, é fundamental contextualizar que essas comunidades já estavam enfrentando diversas ameaças, como na pesquisa de Salzano, Callegari Jacques e Neel (1979), demonstraram, elas foram ameaçadas por causa da floresta, como a perda de seus territórios²³ e a erosão de suas tradições culturais. A pandemia, nesse sentido, acentuou essas adversidades, destacando as desigualdades e a negligência enfrentadas por essas comunidades.

Ao longo de sua história, o povo Magüta, situado na região amazônica, enfrentou inúmeras adversidades, incluindo violências, doenças e outros desafios. No entanto, é fundamental ressaltar que, diante dessas circunstâncias adversas, os Magüta demonstraram uma notável resiliência e a busca constante por soluções para enfrentar essas lutas. Em meio à violência e pressões externas, os Magüta desenvolveram estratégias de sobrevivência e resistência que lhes permitiram proteger suas terras, identidade cultural e modos de vida tradicionais. Essas estratégias incluíam a organização comunitária, a defesa de seus direitos territoriais e o fortalecimento de suas práticas culturais. Além disso, quando confrontados com doenças, os Magüta também buscavam soluções dentro de seu contexto cultural. Eles frequentemente recorriam ao vasto conhecimento tradicional de plantas medicinais da região amazônica, utilizando essas práticas como uma forma de tratamento e prevenção de doenças. A floresta desempenhava um papel fundamental como um laboratório medicinal, fornecendo recursos que eram incorporados em seus métodos terapêuticos.

Considerando algumas regiões do estado do Pará, especialmente entre as populações tradicionais, o conhecimento sobre plantas medicinais, seus usos e benefícios terapêuticos representa, em muitos casos, o recurso primário para o tratamento de doenças. Isso ocorre devido a restrições econômicas e à distância geográfica entre áreas rurais e urbanas (ARAÚJO et. Al 2019). Assim que também para o Magüta, essas ações exemplificam a determinação e a resiliência em proteger sua cultura e modo de vida com as plantas medicinais, ao mesmo tempo em que buscam soluções criativas e eficazes para enfrentar os desafios que surgem em seu ambiente. A história dos Magüta é um testemunho de como as comunidades indígenas continuam a se adaptar e a encontrar maneiras de enfrentar as dificuldades que surgem em seu caminho.

Os Magüta possuem um vasto conhecimento sobre as plantas²⁴ e sua utilização em diferentes aspectos de suas vidas. A seguir, apresentarei alguns pontos importantes relacionados ao conhecimento das plantas por parte desse povo:

1. Medicinal: Os Magüta possuem uma rica tradição medicinal, fazendo uso de diversas plantas para tratar diferentes enfermidades. Eles conhecem as propriedades terapêuticas de várias espécies vegetais e utilizam preparações à base de ervas, infusões, chás e pomadas para o tratamento de doenças, lesões e aflições.

²³ Apesar dos avanços legais em direção ao reconhecimento de sua diferença cultural, os conflitos entre indígenas e ocupantes de terras têm-se agravado nos últimos anos e sido marcados por episódios de extrema violência. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/QwksQbVvrLyPMrsrYBzJjMk/#>. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

²⁴ As plantas medicinais são vegetais com ações farmacêuticas que possuem o efeito de curar ou amenizar algumas enfermidades. Recuperado de: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID482/v13_n2_a2018.pdf. Acesso em: 07 set 2023.

2. Ritualístico: As plantas desempenham um papel central nos rituais e cerimônias magüta. O uso de plantas sagradas está associado a práticas religiosas, curas espirituais, purificações e conexão com o mundo espiritual. Essas plantas são consideradas mediadoras entre os seres humanos e os deuses.
3. Alimentar: A alimentação Magüta é baseada em grande parte em produtos provenientes da agricultura de subsistência e da coleta de alimentos na floresta. Eles conhecem uma variedade de plantas comestíveis, incluindo frutas, raízes, tubérculos e folhas, que são fundamentais para sua dieta tradicional.
4. Construção: As plantas também são utilizadas na construção de moradias e na confecção de objetos. Os Magüta conhecem as árvores e as técnicas adequadas para a obtenção de materiais de construção, como madeira para vigas, folhas de palmeiras para cobertura de telhados e cipós para amarração de estruturas.
5. Cosmético e decorativo: Algumas plantas são utilizadas pelos Magüta sobre as plantas é transmitido de geração em geração, por meio da tradição oral e da vivência cotidiana na floresta. Esse conhecimento está intrinsecamente ligado à sua cultura, espiritualidade e sustentabilidade ambiental, refletindo a profunda relação de interdependência entre o povo Magüta e a natureza ao seu redor.

Dentro desse contexto geográfico singular da Tríplice Fronteira, os Magüta enfrentaram desafios geográficos e ambientais únicos. No entanto, ao longo de sua história, eles demonstraram uma capacidade notável de se adaptar e superar esses desafios. Esta contextualização é fundamental para estabelecer uma base sólida para as discussões subsequentes que se concentrarão na fitoterapia e no uso de plantas medicinais durante a pandemia de Covid-19. No decorrer deste trabalho, temos explorado de maneira mais aprofundada a riqueza do conhecimento tradicional Magüta sobre as propriedades medicinais de plantas específicas. Também investigaremos como esse conhecimento foi aplicado como recurso vital durante a crise da Covid-19. Esta análise visa não apenas aprofundar nossa compreensão das práticas terapêuticas tradicionais dos Magüta, mas também a sua relevância em um contexto contemporâneo, onde a pandemia trouxe desafios únicos e demandas por soluções eficazes. Portanto, a continuação deste trabalho se concentrará na documentação e análise crítica das práticas medicinais dos Magüta em resposta à pandemia, destacando a sinergia entre tradição e inovação na busca pelo bem-estar e saúde da comunidade Magüta

Na pesquisa sobre as plantas medicinais tradicionais e remédios não convencionais utilizados pelos povos Magüta durante a pandemia, exploramos a importância desses recursos na busca pelo bem-estar positivo. Essas abordagens podem ser fontes valiosas para melhorar a qualidade de vida, mas também devemos considerar seus potenciais impactos negativos na saúde. É fundamental abordar essas práticas com extrema cautela, tomando medidas para não prejudicar a saúde de ninguém. Antes de usar qualquer tratamento, seja ele baseado em conhecimentos ancestrais ou métodos profissionais, é imperativo conduzir experimentações, como faziam ancestrais experientes. Isso se aplica não apenas a produtos destinados ao mercado, mas também a medicamentos, vacinas e outros tratamentos.

As plantas medicinais têm sido utilizadas pelos antigos homens, em diversas enfermidades. De acordo com

Barreto et al. (2021, p. 178), " A utilização de plantas pelo homem na produção de medicamentos para a sua sobrevivência é antiga".

Durante a pesquisa de campo, como nascida em local da pesquisa pude testemunhar práticas semelhantes às que observei na minha infância e adolescência, na minha vida adulta ao ingressar na academia, iniciei pesquisa sobre o uso de plantas medicinais, como revisando artigos, revistas e livros, vídeos, nesta investigação eletrônica na antiguidade até o final do século XIX, a produção de medicamentos não envolvia máquinas farmacêuticas como as que temos hoje, para produzir materiais específica de medicamento ocidental. Os não indígenas, eles recorriam à mata, botânicas para obter esses remédios. Segundo Barreto et al. (2020)

A utilização de plantas pelo homem na produção de medicamentos para a sua sobrevivência é antiga. Muito embora os utensílios para a criação dos medicamentos e o conhecimento sobre as propriedades fossem escassos, a promoção da fitoterapia já era uma prática frequente entre várias civilizações do mundo, e para tanto um estudo que se tornou necessário para a manutenção da vida das comunidades. (Barreto et. al., 2020, p.178).

Afirmam Rocha *et. al.* que:

O uso de plantas medicinais pelo homem acompanha a sua história. Registros arqueológicos apontam a sua importância cultural desde 60.000 anos A.C. Povos antigos como os Egípcios, Gregos, Hindus, Persas e mais recentemente os povos da América Pré-colombiana, aplicavam extensamente tais recursos terapêuticos, contribuindo para a construção dos sistemas de Medicina Tradicional dispersos ao redor do mundo, (Rocha et al., 2015, p. 50).

Essa prática tinha raízes profundas e era uma parte significativa dos cuidados de saúde em várias sociedades antigas. Essa abordagem terapêutica tornou-se essencial para a sobrevivência das comunidades, contribuindo para a construção dos sistemas de Medicina Tradicional que se disseminaram globalmente ao longo da história.

Voltando na observação Magüta, o que mi interessei que essa exploração das botânicas foi durante à Covid-19, dentro de seus próprios quintais. Nessa observação percebi que alguns desses remédios caseiros que estavam utilizando durante a pandemia, são os mesmos que no passado utilizaram para combater diversas adversidades. Durante minha pesquisa, também observei que algumas mulheres mencionaram que Tupana, o Deus dos judeus, tem aparecido em suas visões durante o sono, ensinando-lhes como usar e aplicar esses remédios caseiros. Esse aspecto possui uma grande carga de misticismo dentro da cultura Magüta. É fundamental esclarecer que a cultura magüta atualmente é influenciada e tem adoptado práticas externas e devemos respeitar as escolhas daqueles que acreditam no seu Deus ou deuses, sem julgamentos. É importante ressaltar e resgatar que nessa comunidade Filadélfia a cultura continua sendo celebrada de diversas maneiras, como no Dia dos Índios, em 19 de abril, e no aniversário da comunidade. Compreender essa complexa interação cultural foi desafiador, mas o cerne da questão é o respeito pela cultura e pelas escolhas individuais e coletivas daqueles que a praticam e onde se encontra a cura, para promover o bem-estar da saúde.

Para o entendimento das diferentes situações de padecimento, os aspectos culturais dos sujeitos devem ser levados em consideração, pois permitem entender os significados atribuídos a cada pessoa em sua

maneira de cuidar. Ainda, refletem as simbologias e a forma como esses símbolos são compartilhados, assim como orienta as pessoas de um determinado grupo cultural a respeito de quais cuidados devem ser realizados para se ter saúde. A cultura e os símbolos são realidades públicas, além de privadas, que organizam a experiência dos sujeitos. Os indivíduos são incompletos e inconclusos, que se completam por obra da cultura, mas não da cultura em geral, senão por formas específicas. O saber popular sobre plantas medicinais pode ser entendido como um sistema cultural, o que possibilita ser considerado como uma prática de cuidado, (Badke et al, 2019, p.1).

No entanto, é importante destacar que, de acordo com os professores e membros cristãos da comunidade, não se deve esquecer a cultura, mesmo quando frequentam a escola ou a Igreja, estar na cidade ou em outros lugares com outros grupos, sempre saber da raiz a origem de onde vieram. As aprendizagens da tradição ancestral sobre o uso de plantas medicinais para tratar diversas doenças têm origem. A falta de agentes de saúde na região intensificava esse cenário de inacessibilidade aos serviços médicos, conforme relatado, a solução encontrada para tratar a saúde dos filhos foi recorrer a terapias realizadas por xamã e líderes espirituais, que detêm saberes específicos sobre o uso de plantas medicinais, os líderes o pajé seu hábito é, se consagrar antes de fazer ritual com seu paciente, usar os conhecimentos específicos sobre a utilização de plantas. O feiticeiro tem também como usar, defumação, banho, tabaco, um jejum, dependendo da enfermidade de seu paciente. Como é habitual entre os Magüta busca-se sempre encontrar soluções para os problemas de saúde. Como por exemplo dos seus hábitos, os líderes da comunidade se aproximavam dos espíritos das certas árvores, segundo Gruber (1997, p.46), para que o espírito de certas árvores ajudasse o trabalho do pajé. Quando uma pessoa fica doente, chama o pajé. E o pajé chama o espírito das árvores para curar. O espírito chega e entra no corpo do pajé. Aí ele canta. Depois vem outro e mais outro. Se a pessoa está muito mal, é preciso chamar vários espíritos. A seguinte imagem que retrata um xamã indígena magüta realizando uma cerimônia de cura com um paciente, acompanhado pelo espírito da árvore Açacu-Uatchiwa.

Figura 7: Esta imagem representa um registro da cerimônia de cura realizado por xamã magüta, acompanhado pelo espírito da árvore Açacu-Uatchiwa, enquanto trata de paciente enferma.

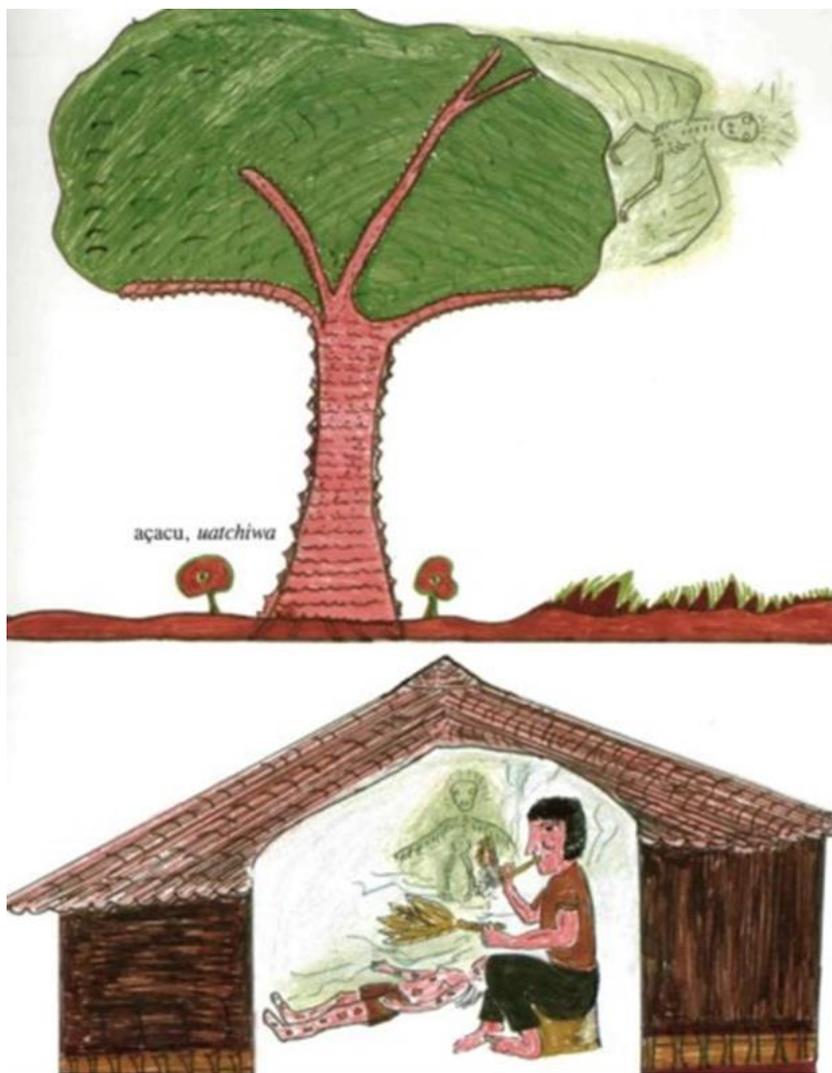


Foto: GRUBER,1997.

Dessa forma que os Magüta se salvavam diante das enfermidades, hoje em dia o Trabalho de xamã ainda existe, mas das maiorias da comunidade não estão na busca de ajuda, porque das maiorias tem escolhido acreditar no Deus de Judeus, buscar a cura através dele e a sabedoria e o conhecimento etc.

Nesse contexto desafiador, os indivíduos que seguem a fé cristã complementam as práticas tradicionais de cuidados de saúde com novos tratamentos. Quanto o conhecimento transmitido pelos ancestrais demonstraram eficácia durante a pandemia, contribuindo significativamente para o manejo de bens das condições de saúde na comunidade.

Essa pesquisa investiga a continuidade desses conhecimentos tradicionais e como eles foram aplicados durante a pandemia. É importante reconhecer a importância dessas práticas culturais e a necessidade de respeitar e compreender as crenças e tradições dos Magüta.

No entanto, os remédios tradicionais desempenharam um papel significativo durante a pandemia, conforme afirmado pela enfermeira Temi, funcionária de Secretaria Especial de Saúde Indígenas (SESAI), não indígena trabalham no posto de saúde pelo polo base de comunidade de Filadélfia. Ela enfatizou que esses remédios caseiros podem ser usados como um complemento aos tratamentos farmacológicos.

Na pesquisa realizada, fica evidente que as comunidades Magüta recorreram ao vasto conhecimento das plantas medicinais presentes na rica biodiversidade da floresta amazônica. Através de métodos de coleta, preparação e aplicação transmitidos ao longo de gerações, os Magüta demonstraram uma notável capacidade de adaptação e inovação ao utilizar esses recursos naturais para combater os desafios impostos pela Covid-19.

Nessa continuação, são descritos os diferentes tipos de plantas utilizadas, bem como suas propriedades e modos de preparo. Essas informações são contextualizadas nas crenças e práticas espirituais. Além disso, o texto explora as formas como esses tratamentos à base de plantas foram integrados às estratégias gerais de enfrentamento da pandemia.

De acordo com a pesquisa realizada, muitos membros das comunidades magüta escolheram utilizar tratamentos naturais em vez de recorrer às opções médicas convencionais, como hospitais. Isso sugere que essas comunidades valorizam e confiam em abordagens baseadas na natureza e em remédios tradicionais como parte de seu cuidado de saúde, em vez de depender exclusivamente da medicina ocidental moderna.

O "Uso de Plantas Medicinais" oferece uma visão aprofundada e detalhada da maneira como as comunidades magüta utilizaram seu conhecimento ancestral e sua relação profunda com a natureza para enfrentar os desafios pela pandemia de Covid-19. A interconexão entre a saúde, a cultura e a espiritualidade é explorada de maneira holística, proporcionando uma compreensão abrangente da resiliência e do poder das práticas medicinais tradicionais em um contexto de crise. Utilizada pelas propriedades anti-inflamatórias. Além disso, também é mencionado as casas de abelha na comunidade que foram essenciais para a prática de defumação. Essa técnica envolveu o uso de produtos apícolas, como mel, própolis e fumaça de casas de abelha, para desinfetar e purificar o ambiente, ajudando a proteger a comunidade. Neste registro, são apresentadas algumas plantas medicinais que foram empregadas como parte das estratégias de proteção durante o período da pandemia. Isso implica que, durante a pandemia, determinadas plantas com propriedades terapêuticas foram identificadas e documentadas como componentes das práticas de resguardo. Essas plantas provavelmente desempenharam nos tratamentos naturais ou medidas preventivas para enfrentar os desafios de saúde decorrentes da pandemia.

TABELA 2. Remédios tradicionais do Magüta do Alto Solimões, utilizado durante à Covid-19

Nome popular	Nome Científico	Família	Parte utilizada	Modo de Preparo	Indicação	Nome na Língua Materna (Magüta)

Corama, Folha-da-Fortuna, Folha-de-pirarucú	Kalanchoe pinnata	Crassulaceae	Folhas	Banho, massagem do corpo, amassado ou triturado	Dor de corpo/ inflamação gripe ferida câncer dor de estômago e tersol expectorante	De'tchiatü
Gengibre	Zingiber Offinicine	Zingiberraceae	Raíz	Banho, chá	Inflamação Na Garganta /Resfriado tosse e dores no corpo	Motaracari
Limão	Citrus Limon	Rutaceae	Folhas Frutas	Banho Chá Suco	Inflamação na Garganta e Perda de Paladar/ Gripe febre	Irimawa
Folhas de Sarado	Bremek	Acanthaceae	Folhas	Banho chá triturado	Cortar efeito de envenenamento	Tcharatudo
Alho bravo	Nothoscordon fragrans Kunth	Liliaceae	Folhas	Chá banho	Dor no corpo	Ario brawo
Mucuracaá – Exsicata ou folha de mucura	Petiveria alliacea L.	Fitolacaceas	folhas	Banho chá triturado	Dor de cabeça gripe febre	Ngo'wa'atü
Boldo	Plactranthus barbatus Andrews	Lamiaceae	Folhas	Chá banho triturado	Dor de estômago fortalecer o fígado combater o falta de ar e dor de estômago desintoxicação	Buudo
Pimento do reino	Piper nigrum L.	Piperaceae	Sementes	Triturado	dor de corpo	Pimenta a aïne
Andiroba	Carapa guianensis	Meliaceae	Sementes	Óleo	Tosse / Reumatismo / Hematomas	Ãndiruba
Jambu	Acmella oleraceae	Asteraceae	Folhas	Chá e Suco	Palpitação	Yambu
Manga	Mangifera	Anacardiaceae	Folhas	Chá banho defumação	Reumatismo	Mãga'atü
Mastruz	Chenopodium ambrosioides L.	Chenopodiaceae	Folhas	Banho chá	Gripe catarrão no peito febre	Maturiti

Planta vick ou hortelãp	Mentha spicata L.		Folhas	Chá	Dor de cabeça febre dor de garganta	ga'ũ i naiatũ
Mel de abelha	Apis mellifera.	Apidae	Geleia real	Chá	Gripe dor na Garganta	Berurecutchiĩ
Cera de abelha	Apis mellifera Linnaeus,	Apidae	Casa de tachi	Banho chá defumação	Gripe febre proteção	Berurei
Breu branco ou xicantã	Protium crassipetalum Cuatr	Burseraceae	Goma endurecido	Banho defumação	Proteção	Tcha're
tangerina	Citrus nobilis Lour.	Rutaceae	Folhas	Banho	Febre	Tandirina
Piã Branco	Jatropha curcas	Euphorbiaceae	Folhas	Chá	Cólica / Cicatrização de Ferimentos	Piãũ tchoũne
Alma penada	Morfologia		Folhas	Banho	Dor de corpo febre	Na'tchiatũ
Alho	Allium sativum L.	Amaryllidaceae	Dentes	Chás	Gripe	A'riu

Fonte: Elaboração própria baseada em dados de interlocutores magũta e diversos autores para nomes científicos de plantas. Nekinha M. Coelho, 2023

5. Considerações Finais

Nesta pesquisa, exploramos o conhecimento ancestral dos Magũta em relação à COVID-19 e como eles utilizam plantas medicinais para enfrentar essa pandemia global. Em essa pesquisa na área indígena revelam que os Magũta têm uma rica tradição de medicina natural, transmitida através das gerações, com este conhecimento a comunidade se protegeu, contra a doença. Um dos principais aspectos que emergiu de nossa pesquisa é a forte ligação dos Magũta com sua terra e seus ancestrais e a espiritualidade.

Eles acreditam que essa conexão é essencial para sua sobrevivência durante a pandemia, essa conexão se fortaleceu, à medida que a comunidade se voltou para sua prática tradicional de plantas medicinais para proteção. Além disso, em abrangente da sinergia entre a medicina intercultural, a medicina convencional e a medicina tradicional são eficácia e complementares no alívio dos sintomas da Covid-19, e ajuda na prevenção da disseminação da doença. Os Magũta têm um profundo entendimento das propriedades medicinais das plantas locais com ajuda de coletividade.

Nesse entendimento magũta em um mundo afetado por desafios de saúde globais, seus conhecimentos são inestimáveis e podem oferecer lições importantes para a medicina moderna. Nossa pesquisa sobre eles demonstra a resiliência e a percepção sobre o poder na natureza diante da Covid-19.

A percepção sobre o poder curativo de algumas plantas é uma das formas de relação entre populações

humanas e plantas e as práticas relacionadas ao uso tradicional de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa para a manutenção da saúde ou o tratamento de doenças. (Giraldi e Hanazaki, 2010, p. 395).

É importante destacar que na comunidade indígena Magüta de Filadélfia, não há uma localização específica para a coleta de plantas medicinais nas proximidades das residências; em vez disso, essa atividade ocorre nas áreas florestais e nos arredores das várzeas, aproveitando a riqueza da biodiversidade natural da região amazônica. Dado que as terras já estão demarcadas para a comunidade, é comum que os membros da comunidade se reúnam coletivamente para buscar plantas medicinais na floresta e cultivem algumas variedades em seus quintais. No entanto, essa prática levanta considerações sobre a acessibilidade e a disponibilidade das plantas medicinais. Uma proposta que emerge dessa realidade é a criação de um espaço centralizado para a coleta e o cultivo de plantas medicinais dentro da comunidade indígena. Esse espaço serviria como um banco de recursos botânicos dedicado à saúde da comunidade, facilitando o acesso a plantas medicinais quando necessário. Essa iniciativa não apenas beneficiaria a comunidade, mas também contribuiria para a preservação, prevenção e revitalização das espécies botânicas em seu ambiente natural. Ao estabelecer esse sistema, a comunidade estaria mais bem preparada para enfrentar diversas enfermidades com seus remédios tradicionais prontamente disponíveis.

A condução desta pesquisa, como parte do meu programa de graduação em Antropologia, envolveu um processo desafiador de imersão na comunidade local. Inicialmente, a abordagem da pesquisa em si representou um desafio, dada a complexidade de explorar profundamente os sistemas de conhecimento presentes na comunidade. No entanto, a escolha do tema da pesquisa se mostrou altamente pertinente e facilitou grandemente a obtenção de apoio e incentivo dos líderes e caciques locais. O engajamento e apoio dos líderes comunitários foram fundamentais para a realização bem-sucedida deste projeto. A escolha de abordar o tema provou ser especialmente relevante para a comunidade, o que fortaleceu ainda mais meu interesse e comprometimento com o estudo. Esse engajamento demonstrou a importância desses saberes tradicionais na cultura local e nas estratégias de enfrentamento de doenças. Como graduanda em Antropologia, essa experiência proporcionou um entendimento mais profundo do valor das plantas medicinais e do conhecimento transmitido de geração em geração para combater uma variedade de doenças. A pesquisa evidenciou a capacidade das práticas tradicionais de resistir e se manter relevantes mesmo diante de situações difíceis ou desafiadoras.

Este projeto serviu como uma introdução valiosa para investigar e resgatar os conhecimentos ocultos e muitas vezes subestimados relacionados a plantas medicinais. É notável que a medicina tradicional, ancorada nas práticas ancestrais, tenha um significativo na preservação da saúde e no salvamento de vidas, muito antes do conhecimento não indígena ser reconhecido. O objetivo é lançar luz sobre esses saberes tradicionais, que têm sido uma parte essencial da história e cultura dos povos indígenas, muitas vezes passando despercebidos, tanto como suas terras. Segundo Giralde e Hanazaki (2010) os povos e comunidades tradicionais, que incluem grupos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros, ocupam aproximadamente 25% do território do país. No

entanto, grande parte dessas áreas não possui reconhecimento legal. Isso significa que, embora essas comunidades habitem e utilizem essas terras há gerações, muitas delas não têm seus direitos de propriedade ou de uso formalmente reconhecidos pelas leis do país. Essa falta de reconhecimento legal pode resultar em uma série de desafios para essas comunidades, incluindo a falta de acesso a serviços públicos, a ameaça de despejos e a perda de controle sobre suas terras e recursos naturais.

Em descrição, segundo relato do ex-cacique de comunidade indígena de Filadelfia Isaque Basto e Hamilton Vasques, apenas 4 pessoas são o número de mortos com Covid-19, tendo em conta que e muitos membros da comunidade tenham sido infectados pela pandemia, no entanto a idéia de cada um indivíduo e coletivo da comunidade buscaram ativamente curas e compartilharam os conhecimentos sobre remédios tradicionais, praticaram incluíam elementos de fé com as plantas medicinais, no caso mencionam, a Deus. Diversos relatos enfatizaram a confiança no conhecimento ancestral e na medicina tradicional por exemplo, a minha mãe Dalgiza Moçambite, Irmã Zilda Sonia, professor Atus Firmino, prima Narcisa Carmo Coelho, Lúcia Almeida, tia Alaíde, ex-cacique Izaque Bastos e professor Liverino Haydes e entre outros membros da comunidade destacaram e optaram por não recorrer a hospitais, confiando na cura em seus lares por meio de práticas tradicionais, das maiorias de comunidade se trataram em comunidade, conseguiu se recuperar graças aos seus próprios remédios tradicionais e aos cuidados mútuos, e adotou medidas de segurança rigorosas, como o fechamento da comunidade e a defumação das casas com cera de abelha preta para evitar a entrada do vírus. Durante a noite, a segurança da comunidade, representada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI)²⁵, cuidava para garantir que ninguém saísse ou entrasse na comunidade.

Além disso, ressalta-se que essas práticas tradicionais não são apenas vitais para a saúde das comunidades indígenas, mas também têm uma contribuição significativa no cenário global de saúde, ampliando o reconhecimento da eficácia das medicinas tradicionais em contextos contemporâneos.

Chegando a essa conclusão, é possível observar como a chegada da Covid-19 no território Magüta desempenhou uma grande importância ao enfatizar a necessidade de valorizar ainda mais a natureza. A dependência crítica das plantas medicinais, que são parte integrante do mundo natural. Os povos indígenas, que há muito dependem das propriedades curativas das plantas, não apenas em tempos de pandemia, mas também para tratar diversas enfermidades, viram-se mais uma vez confiando nesse conhecimento ancestral.

Essa situação reforçou a importância de preservar a essência do saber ancestral fortalecendo a identidade cultural e o vínculo com a terra. A natureza na cosmovisão dos Magüta é sua sobrevivência, é a proteção contra qualquer tipo de doença. Levando em consideração essa temática escolhida é pra ter mais cuidado com a natureza evitar a destruição de ecossistemas e preservar as plantas medicinais. O meio ambiente

²⁵ O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado em 1910 e operou em diferentes formatos até 1967, quando foi substituído pela [Fundação Nacional do Índio \(Funai\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_(SPI)), que vigora até os dias de hoje. Recuperado de: [https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_\(SPI\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_(SPI)). Acesso em: 23 de outubro de 2023. A polícia indígena, que estava desativada há oito anos, foi reorganizada há pouco mais de nove meses, segundo os índios, para combater o consumo de bebidas alcoólicas, tráfico de drogas e homicídios na comunidade. **Vandré Fonseca**, Publicado em: 06/02/2018, Recuperado de <https://amazoniareal.com.br/volta-da-policia-indigena-ticuna-no-alto-solimoes/>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

e a natureza são fundamentais na proteção das futuras gerações, enraizando-se em cada local para assegurar prosperidade.

Chegamos desta discussão sobre os povos indígenas Magüta nas e seu enfrentamento à pandemia de Covid-19. Apresentamos algumas fontes que abordaram os remédios caseiros e plantas medicinais utilizados pelos Magüta como tratamento para a doença, bem como a importância do contexto cultural para compreender suas práticas. Também citamos a importância da preservação da cultura e religião indígena e sua relação com o enfrentamento à pandemia. Além disso, discutimos as vantagens e desvantagens dos remédios tradicionais em comparação aos medicamentos farmacêuticos.

Por fim, abordamos a questão do desenvolvimento científico e das vacinas, apontando as desigualdades entre países de primeiro mundo e países subdesenvolvidos e emergentes na obtenção dessas tecnologias. As fontes consultadas para a elaboração desse fundamento teórico foram variadas e incluíram artigos científicos, livros, reportagens, revistas, entrevistas oratórios e eletrônicos.

Após a revisão bibliográfica e análise de informações sobre os povos indígenas Magüta e a pandemia de Covid-19, é possível concluir que existem aspectos positivos e negativos a serem considerados. Em relação aos aspectos positivos, é importante destacar a força e a resiliência dos povos indígena Magüta em enfrentar a pandemia, utilizando-se de seus conhecimentos e práticas tradicionais em relação ao uso de plantas medicinais e remédios caseiros. Além disso, a destacamos a desinformação e o preconceito em relação às práticas e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas podem prejudicar a eficácia do uso dessas práticas como complemento aos tratamentos médicos convencionais.

Diante disso, é importante ressaltar a necessidade de políticas e medidas efetivas por parte dos governos para garantir o acesso à saúde e a tecnologias, bem como o respeito aos conhecimentos ancestrais os saberes do povo Magüta nas práticas das plantas medicinais contra a pandemia de Covid-19, em relação à saúde e ao meio ambiente. Estou documentando essa sabedoria para preservar o conhecimento ancestral como legado valioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Romário Maurício de. **Sabedoria popular: o uso de remédios caseiros no tratamento dos sintomas da Covid-19 na Comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II, no município de São Paulo de Olivença, Amazonas/Brasil.** 2022.

BADKE, M. R. et al. Significados da utilização de plantas medicinais nas práticas de autoatenção à saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, 2019.

BARRETO, J. M. B. et al. (2020). **13 Plantas medicinais e COVID-19: expectativas de investimento em produção de fitoterápicos no cenário pós-pandemia no Brasil.** Anais de Constitucionalismo, Transnacionalidade e Sustentabilidade, 10(1), 177-186. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/acts/article/view/17291>. Acesso em: 18 set. 2023.

BIODIVERSITY HERITAGE LIBRARY (BHL). **Blog Reel, Campanhas, Terra Otimismo 2020.** "Uma Floresta de Conhecimento: Richard Evans Schultes e a Ascensão da Etnobotânica." Disponível em: <https://blog.biodiversitylibrary.org/2020/08/richard-evans-schultes.html> acesso em: 10 de out 2023

BRUNO, Paulo Roberto de Abreu. **Saberes na Saúde Indígena: estudo sobre processos políticos e pedagógicos relativos à formação de agentes de saúde tikuna no Alto Solimões (AM), Brasil.** Rio de Janeiro, 2008.

CAVALLO, Gonzalo Aguilar. **Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 32, n. 94, 2018.

DA COSTA FELIPE, Yuri. A Covid-19 entre os Magütägü da Amazônia. **Pós-Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 16, n. 2, p. 1-20, 2021.

DAVIS, S. H. "Dossiê diversidade cultural e direitos dos povos indígenas." **Mana**, v. 14, n. 2, p. 571-585, 2008.

DAVIS, Wade. **Culturas em Extinção.** A Casa de Vidro, julho de 2017. Disponível em: <https://acasadevidro.wordpress.com/2017/07/06/culturas-em-extincao-por-wade-davis-antropologo-canadense-ted-talk/>. Acesso em: 10 out. 2023

ESTADOS DE MINAS INTERNACIONAL. **Indígenas da Amazônia usam ervas medicinais contra covid.** Aceso em 22/04/2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/05/19/interna_internacional,1148627/indigenas-da-amazonia-usam-ervas-medicinais-contra-coronavirus.shtml

FERREIRA, Sandro do Carmo. **Resistência e saberes dos Tikuna de Umariacu 2 na pandemia.** 2021 Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/jovens-cidadaos/resistencia-e-saberes-dos-tikuna-de-umariacu-2-na-pandemia/> Acesso em: 20 de maio de 2023.

GIRALDI, M., & HANAZAKI, N. (2010). **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão Florianópolis, SC, Brasil**. *Acta Botânica Brasílica*, 24(2), 395-406.

GRUBER, Jussara Gomes. (org.). **O livro das árvores**. 2. ed. ed. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997

HOCHMAN, Gilberto; BIRN, Anne-Emanuelle. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 577-587, set./dez. 2021. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org>. DOI: 10.1590/2237-101X02204801

JOÃO, Celson Vicente. **A presença das igrejas evangélicas na comunidade indígena Filadélfia: Yumüepataügü ya Iãne ya Firadeufiawa Ngemagüne**. Benjamin Constant – AM, fevereiro 2023.

JUSTAMAND, Michel. O exemplo Ticuna na tríplice fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. **Somanlu**, v. 17, n. 1, p. 11-28, jan./jun. 2017.

LANA, R. M., et al. (2020). Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cadernos de Saúde Pública**, 36(3), e00019620. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00019620>

LANGDON, Esther Jean.; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado as ciências da saúde. **Revista Latino-americana Enfermagem**. Vol. 18, n. 3, p. 173-181, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/5RwbrHQkrZ4X7KxNrhvjtB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2023.

LÓPEZ Garcés, C. L., AZEVEDO, C., & OLIVEIRA, A. G. (2012). **Proteção aos conhecimentos dos povos indígenas e das sociedades tradicionais da Amazônia**. Brasília: Editora.

LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Radiol Bras**, v. 53, n. 2, p. e1, mar.-abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>.

MATAREZIO, Edson Tosta. Do resgate de almas à execução do feiticeiro: notas sobre o xamanismo Ticuna. **Sociedade e Cultura**, v. 22, n. 1, p. 218-239, 2019.

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. **A Festa da Moça Nova**: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MATAREZIO FILHO, E. T. (2017). Fragmentos de uma rede imensa – o sistema de clãs e metades dos Ticuna. In: **Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. ISSN 2358-5684.

MATAREZIO FILHO, EDSNO TOSTA. "Fragmentos de uma rede imensa: o sistema de clãs e metade dos Ticuna." In: **Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**. Instituto de Estudos Brasileiros, 16 a 19 de maio de 2017.

MATAREZIO FILHO, E. T. (2020). Do ponto de vista das moças: a circulação de afetos na Festa da Moça

Nova dos Ticuna. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 15(1)

NEGREIROS, Ismael da Silva. **O massacre de capacete**: Narrativa, Memória e História Tikuna no município de Benjamin Constant, Amazonas. Dissertação (Mestrado em Antropologia, área de Concentração em Antropologia Social e Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul. 2018.

NIDA, E. A.; BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio de; CARMINATI, Paulo Barbero F. de. **Costumes e Culturas**: Uma Introdução à Antropologia Missionária. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

NIMUENDAJÚ, Curt. 1982. **Textos indigenistas**. Coordenação e Prefácio de Paulo Suess; introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto. São Paulo: Loyola.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no norte amazônico. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OMPI. **Índice Global de Inovação de 2022 destaca a importância da inovação para o desenvolvimento econômico e social. Índice global de inovação 2022**: Suíça, Estados Unidos e Suécia lideram a classificação mundial de inovação; China se aproxima dos 10 primeiros colocados; Índia e Türkiye aceleram o passo; inovações de impacto são necessárias em tempos turbulentos. 2022. Disponível em: Disponível em: https://www.wipo.int/pressroom/pt/articles/2022/article_0011.html. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PASA, Maria Corette et al. Medicina Tradicional e COVID-19 no Brasil. Revista Biodiversidade, v. 21, n. 1, 2022.

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa sobre COVID-19**- OPAS Organização Pan-americana da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PEDROSO, R. S., ANDRADE, G., & PIRES, R. H. (2021). Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**, 31(2), e310218.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho; VASQUES, Atos Fermin; BASTOS, Maria Alcemira Felix. **Sabedoria Ticuna**: memórias culturais e os mistérios da floresta. São Paulo: Alexa Cultural; Amazonas: EDUA, 2019.

PROFESSORES TICUNA, Índios. **Torü Duü'ügü**: Nosso Povo. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ, Memórias Futuras Edições; Brasília: SEC/MEC/SEPS/FNDE, 1985. 96 p.

ROCHA, F. A. G. et al. **O uso terapêutico da flora na história mundial**. Holos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte), Rio Grande do Norte, v. 1, Ano. 31, p. 49-61, mar. 2015.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis: Vozes, 1982.

SALZANO, Francisco M.; CALLEGARI-JACQUES, Sidia M.; NEEL, James V. Demografia genética dos

índios Ticuna da Amazônia. **Revista Brasileira de Genética**, v. 17, n. 1, p. 53-68, 1994.

SALZANO, F. M., CALLEGAR Jacques, S. M., & NEEL, J. V. (1979). **Demografia genética dos índios Ticuna da Amazônia**. *Acta Amazônica*, 9(3), 517-527.

SANTOS, D. L., MORAES, J. S., ARAÚJO, Z. T. S., & SILVA, I. R. (2019). **Saberes Tradicionais sobre Plantas Medicinais na Conservação da Biodiversidade Amazônica**. *Ciências em Foco*, 12(1), 86-95.

SOARES, Marília Focó. Ticuna. **Povos Indígenas no Brasil**. Instituto Socioambiental. Disponível: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna?printable=yes>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

SCHULTES, Richard Evans. "Psicodélico em Português." *Safe Journey*, 1992. Disponível em: <https://www.safejourney.pt/personalidades/2022/01/richard-evans-schultes/#:~:text=Publicou%20também%20os%20livros%20The%20Golden%20Guide%20to,a%20diversidade%20biológica%20e%20cultural%20estão%20intimamente%20conectadas>. Acesso em: 10 out 2023.

UNESCO. **Educação em saúde e bem-estar para populações indígenas**: prevenção a IST/HIV/Aids e hepatites virais - volume 1. MAU RÛ ME NHUMATCHI TICUNAGÛ ARÛ & ANETICUNA. Brasília, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **La mirada del jaguar**: Introducción al perspectivismo amerindio. 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

WAHLBRINCK, Ilíria François. **Cuidar**: conceito estruturante em tessituras de cura? 2022. 227 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2022.

WIKIPEDIA, Ticuna. **Wikipedia, a enciclopédia livre**. Disponível em: [Ticunas – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ticunas). Acesso em: 16 de ago de 2023.

